

Visual

BRÁSÍLIA-DF | ANO I - 2ª Edição - Setembro/2026 • Site: <https://revistavisual.com.br>

R\$ 50,00

“Diálogo e humanidade são as ferramentas fundamentais para transformar o mundo.”

CLÁUDIA ROCHA

“Mais do que a técnica, sua obra é atravessada por um profundo desejo de justiça social e acolhimento.”

Escritora, pós-graduada em Gestão de Pessoas, bacharela em Direito, conciliadora e mediadora do quadro do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT).

CLÁUDIA ROCHA

"RECEBE A COMENDA CASTRO ALVES EM SALVADOR."

Castro Alves, o poeta que vestiu a liberdade com palavras, viveu com a urgência de um meteoro. Sua existência durou apenas 24 anos, mas foi o suficiente para que ele se tornasse o maior clamor lírico e social do Romantismo brasileiro. Nascido na Bahia em 1847, ele não apenas escreveu versos; ele transformou a poesia em um palanque inflamado contra a maior ferida do Brasil: a escravidão.

O rapaz de olhos expressivos e voz de trovão conquistou o país pelo magnetismo. Na Faculdade de Direito, seja no Recife ou em São Paulo, Castro Alves era o centro das atenções. Suas palavras ganhavam as ruas e os teatros. Quando ele recitava poemas como O Navio Negreiro, as salas vinham abaixo. Ele humanizou o sofrimento dos escravizados, arrancando a dor do porão dos navios e jogando-a na cara da elite imperial. Era o "Poeta dos Escravos", um jovem aristocrata que escolheu a causa dos invisíveis.

Mas a vida, que lhe deu o gênio, cobrou um preço amargo e rápido. Sua trajetória foi marcada por paixões intensas e avassaladoras, como o romance com a atriz Eugênia Câmara. E, como nas tragédias que ele próprio admirava, o destino agiu de forma implacável. Um tiro accidental no pé durante uma caçada inflamou uma saúde que já era frágil. A tuberculose, o mal do século, encontrou o terreno perfeito.

O jovem que pedia "Praça! Condor!" viu

seu mundo encolher até o quarto onde passou seus últimos dias, em Salvador. Castro Alves morreu em 1871. Ele não viveu para ver a abolição que tanto defendeu, mas sua poesia garantiu que a liberdade já estivesse escrita, de forma irreversível, na alma do povo brasileiro.

Com profunda honra e reverência, sua memória viverá eternamente em nossos corações.

Salvador – BA, 15 de agosto de 2026. ♥



SOLENIDADE

POSSE DA NOVA DIRETORIA DA UBE-PI

VIRIATO CAMPELO ASSUME A PRESIDÊNCIA DA UBE-PI

Giovani Castro/Jornalista

Tomou posse como Presidente da União Brasileira de Escritores – Seção Piauí (UBE-PI) o médico, professor titular da UFPI (Universidade Federal do Piauí) e escritor, o acadêmico Viriato Campelo. Ele ocupa a cadeira que antes pertencia ao seu pai, o saudoso desembargador Tomaz Gomes Campelo. Nascido na localidade Rodrigo, nas proximidades de Pedro II, o magistrado e escritor presidiu a UBE-PI como o sétimo presidente da instituição, liderando-a de 1990 a 2000.

Tomaz Gomes Campelo, que foi um dos fundadores da UBE-PI, deixa um legado que passa de pai para filho. Já consagrado no meio literário, esse grande homem tem sua história celebrada com a passagem de seu centenário.

A solenidade consolidou a presença de escritoras(es) e poetas consagrados que integram a nova diretoria, como Elmar Carvalho, Aci Campelo, Octávio César, Lara Emanueli, Itamar Costa, Lisete Napoleão, Enéas Barros e Raimunda Celestina.

Em seu discurso de posse, Viriato Campelo declarou ter muito orgulho de pertencer à UBE-PI e que todas as conquistas da vida passam por um processo, destacando que a atuação da escritora Lisete Napoleão na área de informatização e no recrutamento de membros tem a missão de dar continuidade aos projetos da Casa.

Vale ressaltar que, embora o primeiro trabalho a ser realizado seja na regularização cultural e turística da academia – dado que todas vivem de doações –, é preciso avançar na produção de livros e na realização de eventos essenciais para gerar recursos que viabilizem os investimentos necessários. O objetivo é fortalecer a união entre as academias estaduais e municipais, inserindo novos escritores e escritoras no mundo literário. ♥



“Viva o Centenário
de Tomaz Gomes
Campelo.”

IDEIAS



LOGOMARCAS✓

EDITORACÃO DE JORNAIS✓

REVISTAS E LIVROS✓

DIGITALIZAÇÃO✓

 **86 98878-1162**

 Email: giovanicastropaz@gmail.com

FUNDADORES E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Osmar Monte - Auditor Federal
Giovani Castro - Jornalista - DRT-PI: 1709

DIRETORES EXECUTIVOS

Osmar Monte
Giovani Castro

CONSELHO EDITORIAL

Antônia Claudino - Escritora
Giovani Castro - Jornalista
Mirtz Ribeiro - Escritora
Osmar Monte - Escritor

COLABORADORES

Antônia Claudino - Escritora
Antonio Gonçalves - Escritor
Daniel Lemos - Músico
Edmilson Sanches - Escritor
Fábio Gonçalves - Escritor
Gilvaldo Quinzeiro - Escritor
Izânio Façanha - Chargista
Joaquim Monteiro - Chargista
Keula Rodrigues - Escritora
Mirtzi Ribeiro - Escritora
Viriato Campelo - Escritor
Wybson Carvalho - Escritor

DIAGRAMADOR/DESIGN

Giovani Castro - Jornalista - DRT-PI: 1709
E-MAIL: giovanicastro@gmail.com
CONTATO: *86 98878-1162

CIRCULAÇÃO

Brasília - Goiás - São Paulo - Rio de Janeiro - Minas Gerais - João Pessoa - Recife - Paraná - Curitiba - São Luís - Caxias - Teresina

PAÍSES

Argentina - França - Portugal - Espanha

VISUAL MÍDIA E PUBLICIDADE LTDA

CNPJ: 68.349.130/0001-78
ENDEREÇO: SCLRN 707 - Bloco B.L 32
ASA NORTE - BRASÍLIA-DF - CEP 70.740-532

CONTATO: *61 99984-9703
E-MAIL: osmar.monte@gmail.com
SITE: <https://revistavisual.com.br>

FOTOGRAFIA

Banco de Imagem e Divulgação

"Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores".



A justiça com versos e a construção da paz social
Cláudia Rocha | Escritora
2/5



Lançamento do livro "Chico Sopeças"
Antonio Gonçalves | Escritor
6



Charge
Izânio Façanha | Jornalista
7



Música e cemitérios
Daniel Lemos | Profº/Músico
8/10



O que me resta da vida depois dos setenta anos
Normélia Pereira | Escritora
11



Grupo Cultural Abraçarte
Gilvaldo Quinzeiro | Jornalista
12/15



TRADUÇÃO
Questionário livro Chile
16/21



Uma matuta mineira viajando nas nuvens
Osmar Monte | Escritor
22/23



Um pouco de Cassia Mendes
24



POESIAS
A menina na Tresidela
Os sonhos
Célia Soares | Escritora
25



Discurso na Academia Aguaslindense de Letras - ALETRAS
Keula Rodrigues | Escritora-Presidente da ALETRAS
26/27



Educação ou adestramento ambiental?
Ricardo Delfino | Escritor
28/29



Águas Lindas, uma terra de Axé
Michael Laio Felix | Escritor
30/31



Negros Mercadores
Viriato Campelo | Escritor
32/33



Cidade Maravilhosa - Título Maravilhoso
Edmilson Sanches | Escritor
34/37



De Brasília para o mundo
Elise Feitosa | Escritora
38/39



Charge
Joaquim Monteiro | Profº/Chargista
40



a poetisa e escritora Cláudia Rocha tomou posse na Academia de Letras, Músicas e Artes de Salvador (ALMAS) como membro titular e recebeu a Comenda Castro Alves no dia 15/08/2026, em solenidade realizada na Casa do Olodum, no Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador (BA). Como capa da Revista Visual, ela fala de sua trajetória no mundo literário.

CL
RO



ÁUDIA ROCHA

A JUSTIÇA EM VERSOS E A CONSTRUÇÃO DA PAZ SOCIAL

A trajetória de Claudiene Mendes da Rocha (nome artístico Cláudia Rocha) é definida por um compromisso inabalável com a humanização das relações, seja por meio da aplicação do Direito ou pela sensibilidade da escrita. Natural de Patos de Minas, Minas Gerais, Cláudia é filha de Antônio Mendes da Rocha e Nivalda José da Rocha, e construiu em Brasília um legado que une o rigor técnico à promoção da pacificação social.

FORMAÇÃO E EXCELÊNCIA PROFISSIONAL

Com uma formação acadêmica multifacetada, Cláudia é graduada em Direito e em Administração, possuindo pós-graduação em Gestão de Pessoas. Sua carreira jurídica é marcada pela atuação como Conciliadora e Mediadora do Quadro Geral da Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), no Guarará, função que iniciou em 2013 com foco nas áreas Cível, de Família e Criminal.

Especialista em métodos alternativos de solução de conflitos, integrou comissões específicas na Subseção da OAB de Taguatinga e é credenciada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). No campo da gestão, atua como membro do Conselho Editorial e colunista da *Revista Visual*, onde aplica sua visão estratégica para o fortalecimento da comunicação e da cultura. ▽

Inspiração Poética Presença Acadêmica

O despertar literário de Cláudia Rocha encontrou sua centelha na obra de Osmar Monte, cujos textos despertaram nela a vontade de explorar a própria voz poética. Desde então, consolidou-se como uma figura influente no meio acadêmico, sendo Membro Fundador do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Brasília (NALAB).

Atualmente, ocupa a Cadeira nº 12 da Academia de Letras de Águas Lindenses (ALETRAS), sob o patronato de Ferreira Gullar, e é a Diretora responsável pela Área Social da instituição. Sua atuação estende-se a diversas outras entidades de prestígio, incluindo a Academia de Letras de Goiás (ALG), a Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ABARS), fundadora da Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro (ALARJ), Academia Mineira de Belas Artes de Minas Gerais (AMBA),

Academia de Letras, Músicas e Artes de Salvador (ALMAS).

O Legado de Empatia e a Escrita Social

Com um olhar sensível às suas origens, Cláudia é autora de obras como '*As Riquezas de Minas Gerais*'. O seu espírito solidário manifesta-se desde a juventude, quando integrou o Projeto Social Amigos da Fé, e estende-se hoje à sua atuação na consultoria empresarial e na gestão cultural. A sua produção literária transita entre a poesia e o conto, com destaque para sua participação em antologias de renome internacional, como *Vozes Portuguesas*, *Pablo Neruda* e a coletânea da Bienal. Entre seus poemas mais emblemáticos estão "A Justiça Divina" e "O Amor de Mãe". Em fase de preparação, a autora organiza dois livros inéditos: *Contos Diversos* e *Poesias Diversas*.

ética e dêmica

A poetisa e escritora Cláudia Rocha é participante de mais de 20 Antologias Literárias organizadas por Editoras e Instituições, como LITERARTE, Mágico de OZ Editora e ALETRAS.

Mais do que a técnica, sua obra é atravessada por um profundo desejo de justiça social e acolhimento. Esse propósito se manifesta em ações concretas, como o projeto "Tarde do Amor", realizado em escolas públicas, e sua histórica participação em campanhas solidárias. Agraciada com títulos como o de Comendadora, pela Comenda Leonardo da Vinci (Itália); Comenda Pablo Neruda (Chile); Comenda Comemorativa de 10 anos da Academia Mineira de Belas Artes; e Comenda Castro Alves (ALMAS) - Bahia. Cláudia Rocha reafirma que o diálogo e a humanidade são as ferramentas fundamentais para transformar o mundo. 





Antonio Gonçalves, escritor, sócio efetivo do IHGC (Instituto Histórico e Geográfico de Caxias e da ASLEAMA) Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão.

LANÇAMENTO do livro "Chico Sopeças"

■ Antonio Gonçalves

O escritor e poeta Antonio Cruz Gonçalves, natural de Caxias (MA) e hoje residente em Fortaleza (CE), é aposentado pelo Banco do Brasil, instituição à qual se dedicou por mais de 31 anos — sendo 18 deles como gerente-geral em agências do Maranhão, Piauí e Ceará, e 10 anos como auditor.

Mais conhecido como Antonio Gonçalves, o autor é um profundo amante das letras e dedica a maior parte de sua vida à literatura. Ele tem diversos livros publicados, tais como: "MOVIDO POR UM IDEAL" (2014); "RAFAELA – Um Botão Quase Flor", obra dirigida por ele em 2021; "ALICE 15 ANOS - Um Amor para Recordar"; e "JOÃO MACHADO – O Conciliador por Excelência".

Membro da Academia Sertaneja de Letras,

Educação e Artes do Maranhão (ASLEAMA), o escritor agora nos brinda com o lançamento de sua quinta obra, intitulada "Chico Sopeças". O livro traz uma história de luta e superação dedicada exclusivamente ao seu saudoso irmão. O lançamento ocorreu no dia 18 de agosto na sede do Sindilojas, em Fortaleza, palco de um momento especial em que o autor discursou ao lado de sua querida esposa, Maria de Fátima Gonçalves, sobre as narrativas marcantes de sua trajetória.

O encontro contou com a presença de integrantes das diretorias do Sindilojas, Sindimac, Sincamaco e Facic, em uma celebração de amizade, cultura, inspiração e legado.

Parabéns, Antonio Gonçalves, por mais esse capítulo de uma história tão rica e inspiradora! 



CHARGE - Izânio Façanha





Sepultura de Elpidio Pereira abaixo, com o Cristo Redentor ao fundo. **Fonte:** autor, em 2016.



Jazigo de Antonio e Hilton Rayol ao centro, com o Bacanga ao fundo. **Fonte:** autor, em 2017.



Daniel Lemos, é pianista e professor do Curso de Música da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

MÚSICA e cemitérios

■ Daniel Lemos

Em geral, cemitérios nos afastam, pois a maioria de nossas experiências neles está ligada à perda de entes queridos. Em momentos difíceis como este, a música pode nos confortar, razão da tradição secular dos acompanhamentos musicais em funerais. Há, ainda, composições voltadas especificamente a esse fim, como marchas fúnebres e missas de réquiem. O padre João Mohana, em *A Grande Música do Maranhão*, nos conta o caso do vianense Basílio Magno Serra, maestro e professor de música atuante no Engenho São Pedro de Alcântara (atual Pindaré-Mirim), falecido em 1925, que teve sua marcha fúnebre “Saude Eterna” tocada no próprio funeral.

Enquanto alguns optam por marchas fú-

nebres ou missas de réquiem, associadas ao luto, outros preferem gêneros musicais vívidos como o samba, no intuito de celebrar uma vida bem desfrutada – costume presente em países como Gana e México. Nas tradições afrodescendentes do Maranhão, temos o Tambor das Almas, tocado apenas em velórios.

Dentre as várias interfaces possíveis entre morte e música, irei focar em um dos temas da pesquisa que conduzo desde 2015: músicos maranhenses em cemitérios. Comecei a investigação no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro (RJ), uma das maiores necrópoles da América Latina, onde se encontram inúmeras sepulturas adornadas com obras de arte. Além de nove ex-presiden-

tes da República e centenas de artistas, lá repousam três importantes músicos maranhenses: o violinista Leocádio Rayol, o pianista João Nunes e o compositor Elpídio Pereira.

O Cemitério de São Pantaleão, em São Luís, popularmente conhecido como “Cemitério do Gavião” e que também possui belas esculturas, é o que tem mais músicos maranhenses. Localizei dezesseis, mas segundo os jornais dos séculos XIX e XX, a quantidade seria muito maior – é possível que boa parte dos túmulos foram destruídos ao longo do tempo. Lá descansam o pianista Carlos Marques, sobrinho do historiador César Marques; a professora de piano Sinhazinha Santos; o maestro Antônio Rayol junto a seu filho Hilton; o contrabaixista Raimundo Canuto dos Anjos e o pianista José de Ribamar Passos “Chaminé”, ambos do Jazz Alcino Bílio; o maestro Ignácio Cunha; a mezzosoprano Olga Mohana; e, no cancionero popular, Antônio Vieira.

Outro local com músicos é a Capela de Bom Jesus dos Navegantes, anexa à Igreja e ao Convento de Santo Antônio. Lá estão a pianista Emília Moura Rayol, primeira esposa de Leocádio; o trompista Carlos Antônio Colás, irmão do primeiro músico maranhense de carreira nacional, Francisco Libânio Colás; e o maestro vianense Ladislau Muniz Fernandes, que se estabeleceu em São Luís Gonzaga. Pessoas que assumiam funções eclesiásticas podiam ser enterradas nas Igrejas. Na Catedral da Sé, temos o mestre de capela Vicente Ferrer de Lyra, falecido em 1857.

Caxias, dona de um rico passado musical, tem três cemitérios do século XIX. No de Nossa Senhora dos Remédios descansa Raimundo Ferreira Villa-Nova, que, além de di-



Lápide de Vicente Ferrer de Lyra na Igreja da Sé, logo abaixo. **Fonte:** autor, em 2017.

retor da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão (de Codó), foi organizador de bailes residenciais e regente da banda Lyra Commercial. No de São Benedito está a lápide de Jardelina Soares Campos, autora de uma breve peça para canto e violão, presente no Acervo João Mohana, datada de 24 de março de 1891.

No belo Cemitério Municipal de Alcântara, afixada sob uma sepultura maior, encontrei apenas a lápide de Henrique Ciríaco Ferreira, autor de 146 composições constantes no Acervo João Mohana. As desigualdades sociais também se refletem nos cemitérios: mausoléus ornamentados com altares, esculturas e oratórios contrastam com as sepulturas simples dos pobres.

Seguindo o Litoral Ocidental, em Guimarães descansa a escritora e compositora Maria Firmina dos Reis, cujas melodias chegaram a nós graças à pesquisa de José Nascimento Morais Filho, cantadas por ex-alunas e transcritas em partitura pelo maestro Zequita. Em Turiaçu, que em 1930 teve sua biblioteca desativada e o arquivo da Prefeitura queimado por ordem de um interventor ir-



Composição de Jardelina Soares Campos. **Fonte:** Arquivo Público do Estado do Maranhão, 2017.



Vista dos fundos do Cemitério Municipal de Alcântara.
Fonte: autor, em 2019.

responsável, não identifiquei músicos locais como Osino Freire, José Bellarmino Alcoforado e o saxofonista Gregório Costa, que dá nome à atual Escola de Música Municipal.

Na baixada, Pinheiro possui um dos cemitérios mais organizados do Estado. Porém, não encontrei músicos lá. Em Arari, está preservado o túmulo do professor e maestro José Gonçalves Martins, homenageado na Praça do Folclore. Contudo, não localizei a lápide de seu pai, o maestro Raimundo, procedente de Viana e um dos precursores da tradição musical arariense. Viana, tida como a cidade da música, teve seu cemitério mais antigo – o Dois de Novembro – demolido (o mesmo ocorreu em Monção), perdendo boa parte de seu patrimônio tumular. Em visita ao atual Cemitério São Sebastião, localizei a sepultura de José Ribamar Costa – o “Zé Piteira” –, tido como o principal músico de sua época na cidade.

No Sul do Maranhão, Carolina possui um cemitério antigo, contudo, em más condições de preservação. A Leste, Brejo, que também tem relevante passado musical, conta com o Cemitério Paroquial atualmente desativado, mas organizado e bem cuidado – mesma situação do Cemitério Municipal de Santa Quitéria. Porém, não reconheci lápides de músicos nesses locais. Em Coroatá e Codó, na região dos Cocais, localizei apenas Raimundo das Mercês Braga, regente da banda Renascença Codoense (depois denominada



Sepultura de Zé Piteira ao centro, com o Lago de Viana ao fundo. **Fonte:** autor, em 2020.

Flor do Alto) nos idos de 1916. Em Tutóia, que assim como Santa Quitéria mudou de sede, visitei o Cemitério de Tutóia Velha, mais antigo, e o Cemitério da Igualdade – no qual está Paulino Neves, que foi comerciante, coronel e político e que dá nome ao município vizinho. Ambos possuem belos jazigos com esculturas, altares e oratórios. Próximo à Ilha de São Luís, visitei os cemitérios de Axixá, Morros, Rosário e Icatu. Todos são de fins do século XIX e estão relativamente preservados; mas entre as sepulturas pesquisadas não identifiquei músicos.

Os cemitérios antigos do Brasil são locais de memória e arte, sendo verdadeiros museus a céu aberto. Quando têm infraestrutura, podem se tornar um ponto turístico. Eles nos ensinam de onde viemos, e são para onde todos nós iremos. Como se afirma correntemente, “um homem só morre quando cai no esquecimento” – e isso nos diz muito sobre como viver. ♥



Vista do Cemitério Paroquial de Brejo.
Fonte: autor, em 2025.



Normélia Pereira dos Santos Buracovas, natural da Bahia neta de pataxó. Escritora, Graduada em História e Geografia, pós-graduada e mestra em Psicopedagogia. Membro Imortal da Academia de Letras de Goiás. Participou da Antologia “Cora Coralina”. Recebeu o prêmio: Melhores Autores Contemporâneos na Bienal Rio de Janeiro em 2023 e 2025 e na Bienal em 2024 São Paulo e Segunda Bienal Taboão da Serra 2025.

O que me resta da vida depois dos setenta anos

■Normaluz

Dedico a mim mesma o que me resta da vida, não sei se será muito ou pouco, mas quero me dar presentes caros endereçado a mim mesma sem permitir que ninguém corrompa a tranquilidade que minhas escolhas me oferecem.

Depois de longos anos exigindo tanto de mim mesma, hoje consigo ser mais livre. Caminho no meu tempo, atenta e desprendida de tudo que poda o que eu realmente sou.

Alheia a quem me define, continuo buscando minhas respostas, procurando o que me faz bem e me deixa mais feliz, refletindo sobre minhas escolhas, repensando meus erros, me apegando aos meus acertos. Tentando amadurecer um pouco mais, revejo, avalio meu destino, hoje muito mais próxima e reconciliada com ele (o tempo).

Sou minha melodia desafinada, ensaiada. Minha tela, hora em branco ou rabiscada, hora plena, preenchida, transbordada, derramando ou vazia.

Sou minha consciência, minha razão, dona das minhas vontades, dos meus desejos, das minhas verdades, aspirações, amores e emoções.

Sou minha melhor companhia, fiel e intuitiva... Modelo de nada, curiosa de tudo. Aprendiz e ainda universitária sim, mas dona e senhora de mim, em busca do que sempre procurei em vão.

Hoje, quero me dar o prazer de passar pelo espelho de uma vitrine, ver que me sinto bem. Que os anos os quais reneguei deixaram em mim olheiras escuras, causadas pelo carinho que ninguém nunca soube me oferecer e sozinha transitei procurando o porquê de tantas coisas que ao final tinham de acontecer... E aprendi de tudo um pouco.

Assim, vivo a minha busca, trilhando a minha estrada sem rumo, sem pressa ou destino. Se este é o caminho certo, se é aprendizado ou sabedoria eu já não sei... Só sei que nenhuma definição me prende, me cabe, me pune ou segura, o hoje é o que me move e quem eu decidi lutar para ser aqui dentro de mim, e quem realmente sou, decido eu.

Dedico a mim mesma as músicas que me fizeram lembrar de alguém, mas agora não choro as ausências, nem há aquela fila longa de arrependimentos por não saber se ia ganhar ou perder.

Eu me dou permissão para abrir uma garrafa de vinho sem motivo para brindar, porque às vezes eu só preciso da minha própria companhia.

Olhar pra mim e dizer que vou ficar bem e que nada é pra sempre, porque estamos de passagem e tudo é aceitável, menos deixar pra depois.

Quero me dar flores, porque em algum momento quando as ganhei eu não soube contemplá-las e desfazê-las, esperando que a última pétala me dissesse que me amava — quando os que tinham que me dizer morreram em silêncio e eu sem nenhuma flor.

É por isso que quero dedicar o resto da minha vida a mim mesma!

Quero me entregar a chave da felicidade que ganhei quando perdi meus medos de falhar, não ser aceita, não ser o que pensavam ou esperavam de mim.

Eu quero pendurar novos quadros naquela parede onde me encostei todos os dias e noites vendo fotos que me deixavam à beira da solidão e feridas em carne viva, porque sentir saudades era para os fracos e superar era para os corajosos e tive que aprender a ser forte como sou.

Quero tomar um café onde tive que ir para não cruzar com pessoas que diziam ser eternas para mim e se revelou eterno o esquecimento que deixaram, sem saber o quanto quebrada eu tinha ficado quando as portas do meu coração estavam abertas e meus braços fechados para minha tristeza ou sucesso se algum dia aconteceria.

Quero andar pelas ruas sem esperar encontrar alguém do meu passado e me perguntar por que não está no meu presente?

Fui assim, dando passo a passo, um depois outro; bem devagar consegui chegar ao espelho mais próximo, e foi aí que eu me vi depois de muito tempo.

Parei, olhei para mim, falei para mim como quem fala com uma amiga e disse para mim mesma...: O que vou fazer para o resto da vida? Quanto tempo ainda me restará?

E ali parada em frente ao espelho a última decisão foi... VIVER.

Afinal de contas é minha vida — e ela não se repetirá. Quero apenas VIVER! Apenas Seguir em Frente.

É o que me resta depois de todos esses anos. 

Instagram: @normadanone

Facebook: normasantos

e-mail: normadanone@gmail.com



Convidados e o elenco

Grupo Cultural Abraçarte

REALIZA HOMENAGEM AOS 203 ANOS
DO POETA GONÇALVES DIAS



■ Gilvaldo Quinzeiro

Como tem ocorrido ao longo dos últimos 20 anos, o Grupo Cultural Abraçarte prestou mais uma emocionante homenagem ao maior poeta caxiense, Antônio Gonçalves Dias, em celebração à passagem dos seus 203 anos de nascimento.

Com o tema "Diálogo Performático e Poético Sobre os Males dos Tempos Líquidos: Uma Crônica em Homenagem aos 203 Anos de Nascimento do Poeta Gonçalves Dias", sob direção e roteiro de Gilvaldo Quinzeiro, o grupo movimentou a cena cultural de Caxias em pleno agosto/2026, na praça que leva o nome do ilustre homenageado. O espetáculo destacou-se por seu tom provocativo, reflexivo e, sobretudo, profundamente poético.



Gilvaldo Quinzeiro
(no centro) ao
lado de Gilvanir
Quinzeiro e uma
amiga.



Julimar Silva



Marechal (cantor)



O elenco (no encerramento)

TEMÁTICA E ESPETÁCULO

Pensada para propor uma reflexão sobre as complexidades do mundo contemporâneo — conceituado como "tempos líquidos" pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman —, a apresentação dialogou com a realidade atual a partir do texto "Crônica Sobre a Anatomia dos Tempos", escrito e recitado pelo próprio diretor, Gilvaldo Quinzeiro.

O público presente foi levado a cantar e pensar por meio de uma rica programação artística que reuniu dança, música e declamação de poemas de ícones da literatura como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e, fundamentalmente, Gonçalves Dias.

Elenco

O espetáculo ganhou vida através das atuações marcantes de: Vozes: Marechal, Êmile Raquel e Julimar Silva (que também atuou em performance); Músicos: Deusdete Oliveira (violão), Jeias Marques (saxofone) e Matheus (violoncelo); Dança e Performance: Geovanna Campos (coreografia e performance), Oriel, Hérica Romena e Gardênia Silva (performance). 



O elenco e os convidados

ABERTURA

E PRESENÇAS ILUSTRES



Marcos Aurélio, poeta



Erlinda Bittencourt, Acadêmica Caxiense de Letras



Renato Meneses, Acadêmico Caxiense de Letras

A solenidade de abertura foi conduzida pelo poeta Marcos Aurélio, que declamou sobre o tema "Poesia e Vida". Na sequência, fizeram uso da palavra Erlinda Bittencourt, Renato Meneses, Raimundo José, Luciana Bezerra (Secretária Municipal de

Turismo), Maciel Mourão (Secretário Municipal de Cultura), Isaac Sousa (Presidente da Academia Caxiense de Letras), Eliran Maria Bantim Sousa e Nelson Gaspar.

O evento contou com a prestigiada presença de amigos, autoridades e admiradores da



Julimar Silva (em performance)

RECONHECIMENTO

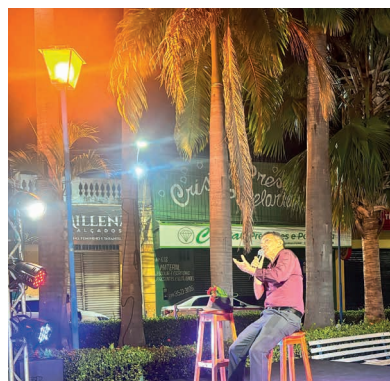
Como marco do sucesso e da relevância do evento, o espetáculo "Diálogo Performático e Poético Sobre os Males dos Tempos Líquidos" receberá uma menção honrosa na



Hérica Romena (em performance)



Jeias Marques, músico saxofonista



Gilvaldo Quinzeiro (em performance)



Renato Meneses
Academia Caxiense de Letras



Luciana Bezerra,
Secretária Municipal de Turismo



Maciel Mourão,
Secretário Municipal de Cultura



Isaac Sousa Presidente da Academia Caxiense de Letras



Nelson Gaspar, Academia Coelhonetense de Letras e Artes

obra de Gonçalves Dias. Entre os convidados, destacaram-se:

Academia Caxiense de Letras (ACL): Renato Meneses, Erlinda Bittencourt, Isaac Sousa e David Sousa. Além dos ilustres convidados: Marcos Aurélio, Wilton Lobo, Eulálio Leandro

e Raimundo José, Nonato Santos; Academia Coelhonetense de Letras e Artes (ACLA): Representada pelos acadêmicos Eliran Maria Bantim Sousa, Nelson Gaspar e Luís Serra.

Autoridades Locais: Maciel Mourão (Cultura) e Luciana Bezerra (Turismo). 

INTERNACIONAL

113ª Edição da Revista Orizont Literat Contemporan, publicação cultural sediada em Bucareste, na Romênia.

Sobre o Grupo: Fundado há duas décadas, o Grupo Cultural Abraçarte

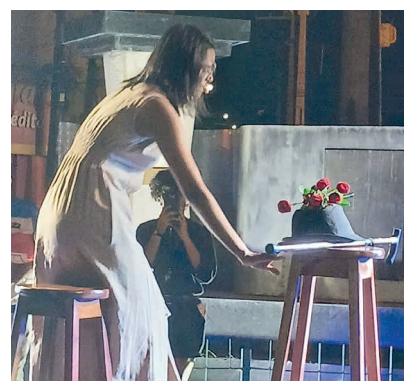
dedica-se, entre outras ações, a valorizar e perpetuar a obra e a memória de Gonçalves Dias, levando a poesia do autor caxiense diretamente às ruas e praças da cidade. 



Geovanna Campos (em performance)



Julimar Silva



Gardênia Silva (em performance)

QUESTIONÁRIO LIVRO CHILE

TRATA-SE DA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CRÍTICA RADICAL PARA EDIÇÃO DO LIVRO RESISTENCIAS, AUTONOMÍAS Y LUCHAS SOCIALES EN EL BRASIL DE HOY, DA EDITORA (PENSAMIENTO E BATALLA). DESTACAMOS AQUI DUAS PERGUNTAS. FINAL

AS SOCIEDADES MODERNAS DERAM ORIGEM A DUAS CRÍTICAS

Esse novo período nasce carregando consigo uma dinâmica sem precedentes. Essa dinâmica, que teve por base a moderna revolução industrial, submete a vida social ao movimento de valorização do dinheiro. Esse movimento se torna insaciável e se reproduz com formas sempre novas em estágios evolutivos cada vez mais acentuados. Para dar resposta a tudo isso, a nova sociedade inaugura seus novos conceitos de revolução, processo, movimento, espaço, tempo, cultura, educação, arte, etc. A partir daí, o novo pensamento da crítica social inventa a história linear e o progresso, o olhar voltado para o futuro e a crítica de cada situação alcançada, com mero estágio transitório para uma respectiva situação nova e supostamente superior. Papel importante coube às máquinas à vapor que estão na origem da revolução industrial, seus métodos de produção e troca.

Porém, a crítica social inaugurada pela modernidade dá origem a duas críticas sociais antagônicas. Uma, que ensaiava a crítica radical das formas básicas dessa sociedade. A outra, que criticava a insuficiência e o subdesenvolvimento da mesma. A primeira, que no início permaneceu oculta e durante um bom tempo reprimida, só recentemente foi (re) descoberta e que, por isso, agora, dar os seus primeiros passos. Passos que poderão nos conduzir ao quarto escuro onde estão guardados os segredos mais importantes da humanidade. A segunda, sobreviveu e se desenvolveu, até agora, como uma reflexão imanente ao capitalismo. Sua fundamentação está baseada na teoria da modernização capitalista, ou seja, no socialismo com suas variantes (marxista, socialista, bolchevista, stalinista, trotskista, maoísta, foquista, etc) e seus discordantes anarquistas.

As duas teorias se voltam para uma mesma base de estudos que é o capitalismo. Porém, o capitalismo não ingressou na história em estado puro, mas sim através de uma miscelânea de momentos capitalistas, pré-capitalistas, modernos e pré-modernos. Isso ocasionou uma disparidade entre os vários países continentais da Europa que eram subdesenvolvidos em relação à Inglaterra e também nos demais países do mundo, que eram ainda mais atrasados que os subdesenvolvidos europeus.

Nessa não simultaneidade interna e externa do capitalismo reside a gênese destas teorias. Dessa contradição emanam o Marx exotérico e o Marx esotérico. Daqui advém suas distintas abordagens, com duas teorias diferentes: uma, a teoria da suplantação do capitalismo; a outra, a teoria de sua modernização.

Esta contradição ainda persiste. Mas até aqui, vinha prevalecendo a reflexão teórica interna das formas capitalistas. Consequentemente, a crítica ao capitalismo acabou não se referindo ao todo lógico e histórico desse modo de produção, mas sim sempre apenas a determinados estágios de desenvolvimento já percorridos ou a serem superados. Com isso, a vida do capitalismo se prolongou.

O CAPITALISMO SEM LIMITES

O objetivo da produção moderna foi transformar dinheiro em mais dinheiro. Isto porque o dinheiro passou a constituir, no capitalismo, a forma visível de uma abstração social, o valor-dissociação que é o fundamento da produção burguesa. E isso só foi possível porque, no capitalismo, o trabalho se

representa no valor e a valorização do dinheiro surge, então, como uma forma de riqueza constituída pelo dispêndio do trabalho humano direto, trabalho abstrato, tendo por base o tempo de trabalho. Nisso reside o coração do sistema patriarcal capitalista, a produção do valor, a valorização do dinheiro e a separação dos papéis do homem e da mulher.

No entanto, para obter o lucro, a venda dos bens produzidos deve render mais dinheiro do que o custo de sua produção. Alcança este objetivo a empresa que faz ofertas mais baratas de mercadorias. Quem decide, face à concorrência é a produtividade. Para produzir grande quantidade de produtos com pouco dispêndio de trabalho vivo, ou seja, poucos trabalhadores e muitas mercadorias baratas, torna-se indispensável o uso cada vez maior de máquinas. Portanto, a diminuição dos custos exige que menos trabalhadores produzam mais produtos, mais mercadorias.

Apesar desta contradição, o sistema se expandiu. E se expandiu porque a capacidade de racionalização era, neste momento, menor que a expansão do mercado. Com isso, a indústria absorveu antigos ramos de produção artesanal, criou novos setores produtivos, inventou produtos jamais imagináveis e infundiu a sede de comprar nos consumidores(as). O processo de aumento de produtividade, expansão e saturação dos mercados, criação de novas necessidades e nova expansão parecia não ter limites.

O APOGEU DO FORDISMO E A CONCORRÊNCIA NA MODERNIDADE

Em 1886, o engenheiro alemão Carl Benz construiu o primeiro carro. Em 1900, o engenheiro norte-americano Frederick Taylor criou um sistema que separava as áreas de trabalhos específicos, o que resultou no aumento da produção. Em seguida, o empresário Henry Ford introduziu a esteira rolante, originando um novo método de produção, o fordismo. Os resultados foram surpreendentes. De 10 mil carros por ano, a indústria fordista pulou para 248 mil carros em 1914. Os novos métodos deflagraram uma nova revolução industrial. O aumento de produtividade barateou uma enorme quantidade de produtos, ampliou o mercado e criou um número espantoso de novos empregos. O capitalismo viveu sua época de ouro e os trabalhadores(as) obtiveram suas maiores conquistas.

A Inglaterra conservou por um bom tempo a vantagem que lhe advinha do fato de ter sido a primeira nação a inundar os mercados mundiais com suas mercadorias. França, Estados Unidos e Alemanha foram os países que, no século XIX, construíram o capitalismo industrial. Na sequência, as outras economias tiveram que contar com um nível de produtividade estabelecido pelas nações industrializadas. Tornava-se, portanto, necessário investir, antes mesmo de começar a produzir, em infraestrutura e capital fixo que deveriam estar no mesmo nível dos países desenvolvidos. Em outras palavras, esses países tinham um atraso a suprimir, que era tão grande, quanto o tempo que ia demorar para entrar na competição. Assim, o Japão e a Itália foram os últimos países que conseguiram entrar no grupo de “linha de frente”, tornando-se os demais países perdedores na disputa pela concorrência. No século XX, tinha se tornado impossível implantar o modo de produção capitalista num país sem que a sua economia fosse sacudida pelo afluxo de mercadorias baratas provenientes dos países industrializados.

Após o início do século XX, o fordismo avança e o capitalismo se modifica. Na época, a transformação do modo de produção capitalista alterou o sistema de referência dos conflitos sociais.

Com isso, imperialismo, economia de guerra, fordismo, taylorismo, etc, polarizaram a humanidade. Isso criou uma oportunidade para uma transformação também da teoria. Ora, se o objeto da crítica se modifica, é claro que a própria crítica teria que se modificar. Mas, não se modificou. A imanência ao sistema impediu a formulação teórica e a ação para a transcendência ao capitalismo.

Depois da Segunda Guerra Mundial, sob a égide da Guerra Fria, todo esse processo revelou-se através da conjuntura formada pelos “três mundos”, que marcou a segunda metade do século XX, notadamente: o “Primeiro Mundo” do velho centro capitalista, sob o comando dos Estados Unidos; o “Segundo Mundo”, representado pelo Capitalismo de Estado e/ou Socialismo de Estado, sob o comando da URSS; e, finalmente, o “Terceiro Mundo”, composto por movimentos pós-coloniais de libertação nacional e por ditaduras desenvolvimentistas das mais diferentes tendências.

A MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA

Diante do desenvolvimento diferenciado do capitalismo, ganhou força a ideia de que um país só poderia fazer parte da modernidade se contasse com um aparelho estatal sustentado por um poder absoluto. Só assim estaria garantido um espaço protegido de qualquer concorrência exterior. Com isso, estariam sendo asseguradas e criadas as condições indispensáveis para o desenvolvimento capitalista e/ou socialista desses países.

Com efeito, foi o que aconteceu na Rússia, na China e em muitos países da periferia capitalista. A mercadoria, o dinheiro, o valor, a dissociação, o trabalho, o Estado, o mercado, etc, não foram abolidos. Muito pelo contrário, procurou desenvolvê-los até o nível ocidental. A economia mercantil não seria superada, mas sim dirigida pela “política”. Repetiu-se na Rússia uma espécie de “acumulação primitiva” que implicou na transformação forçada de milhões de camponeses em operários de 20 fábrica e na difusão de uma mentalidade adaptada ao trabalho abstrato. Os recursos da sociedade eram canalizados para a construção das infraestruturas e da indústria pesada em um nível que uma economia privada jamais teria podido alcançar. A redução do comércio exterior ao mínimo, sob o controle do Estado, permitiu a esse enorme país fazer crescer uma indústria que teria desaparecido no mesmo instante se ela tivesse que fazer frente, imediatamente, à concorrência mundial.

No início, os sucessos foram consideráveis e, em pouco tempo, a União Soviética tinha se tornado a segunda potência industrial do mundo. As “democracias ocidentais”, se declaravam horrorizadas com os métodos pelos quais esse resultado tinha sido atingido. Na verdade, o que viam lá não passava de um resumo dos horrores de seu próprio passado - a Rússia atrasada tinha repetido em alguns anos o que tinha levado séculos no Ocidente. E, com isso, a construção do socialismo na Rússia não foi nem uma tentativa de construir uma sociedade emancipada (como afirmavam seus partidários), nem a ambição tresloucada de realizar uma utopia ideológica (como queriam acreditar seus críticos burgueses), nem mesmo, também uma “revolução” traída pela nova burocracia parasitária (como proclamavam seus críticos de esquerda). Tratava-se, simplesmente, de uma modernização tardia. Afinal, não se pode superar o mais-valor (mais-valia) em nome da emancipação dos trabalhadores(as), com o valor-dissociação permanecendo como base ontológica. Ao contrário, o modo de produção baseado no valor dissociação, só pode ser suplantado com a superação da história das relações fetichistas. A derrocada do Leste, que foi alardeada pelos ideólogos do sistema capitalista como o fim da história e vitória absoluta do capitalismo, representou na verdade, o sinal da crise geral do moderno sistema patriarcal produtor de mercadorias, o capitalismo.

O LIMITE DO CAPITALISMO

Nos anos 80, a terceira revolução industrial, com base na microeletrônica, levou as indústrias fordistas a atingirem seu nível histórico de saturação. Novos e sofisticados produtos tiveram seus preços barateados. Computador já se transforma em consumo de massas, celular nem se fala. Mas, este novo surto econômico não trouxe o correspondente aumento de empregos. A produção passou a depender menos do tempo de trabalho e do montante de trabalho empregado e muito mais das sofisticadas máquinas na produção, criadas pela ciência e tecnologia. Perante o imenso acúmulo de trabalho morto, o trabalho vivo ficou reduzido à mera supervisão e manutenção do sistema mecânico. O aumento incessante da produtividade do trabalho chegou a uma situação em que o valor novo adicionado por unidade de produto é insignificante. Com isso, a medição pelo critério do valor dissociação se tornou insustentável.

Assim, nem o trabalho e nem o tempo de trabalho são mais as condições principais da produção. O trabalho começou a deixar de ser a fonte principal de riqueza e o tempo de trabalho deixou de ser a sua medida. Aqui, se inicia o extermínio da galinha dos ovos de ouro do capital, o trabalho.

Hoje, uma ruptura na nossa época, no início do século XXI, exige uma transformação ainda mais profunda e radical, tanto teórica quanto prática. As novas forças produtivas da microeletrônica são as responsáveis pela nova crise do capitalismo. A riqueza material produzida, agora, é fruto de um sofisticado complexo tecnológico. O dispêndio de trabalho humano abstrato perdeu a corrida para a ciência. Antes, o fordismo marcou o apogeu do sistema. Agora a informatização 5.0 marca a sua entrada definitiva em crise. Eis o aspecto central que explica a causa e a natureza da crise atual do mundo globalizado. Não se trata de um aspecto particular, mas determinante do colapso da modernização. O conteúdo material da produção se tornou incompatível 22 com uma forma imposta pelo valor- dissociação.

A CRISE DA FRONTEIRA HISTÓRICA DO CAPITALISMO

A produção moderna cujo objetivo é originar o lucro está, portanto, diante de um impasse. Reduzir o tempo de trabalho a um mínimo e continuar com o tempo de trabalho como medida da produção, eis a questão. Mas, pela primeira vez na história da humanidade, a nova tecnologia economiza mais trabalho do que o necessário para expansão dos mercados de novos produtos. A capacidade de racionalização é maior que a capacidade de expansão. Uma nova fase criadora de empregos deixou de existir. O desemprego se espalha por todas as indústrias, por todo o planeta. A troca de trabalho vivo pelo trabalho objetivado se apresenta como último desenvolvimento atual da relação do valor, da produção baseada no valor-dissociação. Muda o significado de riqueza, tempo e trabalho. A barreira histórica do capitalismo se apresenta, o seu limite vislumbrado. Diante disso, a terceira revolução industrial provocou mudanças na aplicação do capital dinheiro. Na medida em que ele não pode mais ser reinvestido de forma rentável na economia real, porque não pode mais absorver mais trabalho, ele se desvia. O seu caminho é o mercado financeiro.

Esse deslocamento especulativo é prova concreta do limite do sistema. O dinheiro, que aparentemente circula em quantidades infinitas, já não é, mesmo no sentido capitalista, um “bom dinheiro”, mas apenas “ar quente”, com o qual a bolha especulativa foi levantada, simulando a solidez do sistema financeiro. Esta bolha estourou em 2008. Suas consequências catastróficas ficaram a olhos vistos, inclusive na mídia e, hoje, se fala abertamente do estouro da bolha da IA.

No entanto, a fronteira histórica do sistema se manifesta de forma muito diferenciada em cada país do mundo global. Por causa disso, a ilusão de um futuro promissor para o capitalismo irrompe, de vez em quando, com grande estardalhaço. Agora, a bola da vez é Índia, China, Argentina, Brasil...

RESISTÊNCIAS, AUTONOMIAS Y LUCHAS SOCIALES EN EL BRASIL DE HOY

17 entrevistas

Pensamiento & Batallas

O BRASIL CONTINUA VENDO OS PARAFUSOS NO CHÃO E VEM SE RECUSANDO A OLHAR PARA O MECANISMO QUE OS PRODUZEM.

No Brasil ainda está para ser bem analisada e debatida com profundidade a origem e desenvolvimento do capitalismo e os impasses de suas crises. Na condição de ex-colônia, não o fizemos. Desde a Independência até a ditadura civil-militar também não. Agora, com uma elite governamental de esquerda mantém-se o mesmo procedimento. Antes, éramos atados por uma condição periférica. Agora, pela pretensão de ser um país emergente. O fundamento da lógica que está na base da crise do colapso do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias, o capitalismo, é ignorado. E isso, num momento em que o capitalismo apresenta tanto a sua barreira, interna e externa, econômica e ecológica. Essa atitude nos torna despreparados(as)(es) para as graves consequências que estão escancaradas, ao vivo e à cores, e que só se agravam face ao limite do sistema.

No entanto, essa característica da nossa formação histórica foi captada por um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis. Ele não foi avesso à relação entre universalidade e nacionalidade e sua prosa captou como ninguém a parceria dessas supostas realidades incompatíveis. Suas incursões literárias, principalmente em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”, acerca das relações sociais brasileiras e mundiais transbordam de anacronismos irônicos comuns, de expressões que se mesclam umas nas outras, de caricaturas semelhantes daquela nossa época histórica e de amesquinamento recíproco de grande envergadura.

Hoje, escancarados na mídia, o particular e o universal ganham instantaneidade e a lógica que ainda pseudo jus ficava a caminhada dos brasileiros(as)(es) e demais habitantes da Terra, esgotou-se. Bons ingredientes para belas, críticas e criativas composições literárias, artísticas, culturais para o novo espírito do tempo.

Esta instigação está gestando uma proposta de um Encontro Transnacional Pela Emancipação Humana e Ambiental que pretende realizar uma façanha histórica que é a transformação de Fortaleza, Ceará, Brasil e Mundo. Afinal, essa tarefa histórica de realizarmos a ruptura com o capitalismo, tornou-se incontornável. Senão vejamos: A crise do capitalismo está retirando da humanidade os fundamentos sociais e ecológicos da vida. As múltiplas crises da economia, do clima, da democracia, da política, do Estado, do mercado, do dinheiro, do trabalho, do valor-dissociação..., são apenas momentos do mesmo processo de colapso geral que vem produzindo um mundo ecologicamente devastado e uma

humanidade supérflua. Por outro lado, a agonia do capital é evidente nas montanhas da dívida global, sobre as quais muitas economias já entraram em colapso. Guardadas as suas diferenciações, e são várias, as políticas de Trump, Xi, Putin e outros, podem ser dimensionadas e caracterizadas como imperialismos de crises fascistas, em particular, como tentativas de sobrevivências impossíveis na crise. Suas ações irracionais refletem a irracionalidade do sistema em colapso.

Hoje, a sociedade de serviço mostra que é resultado da sociedade industrial. E o capitalismo financeirizado é o resultado do capitalismo de produção. Os impasses que produziram tais mudanças mostram, agora, que originaram uma crise que atinge em cheio os fundamentos do sistema. Com o desemprego em massa irrompe relações extremamente precárias onde vem campeando a degradação, a desclassificação e a superfluidez.

Mesmo que os trabalhadores(as)(es) não queiram admitir, mesmo que todos os estratos relevantes da população brasileiro, latino-americano e mundial se agarrem, ainda mais ao capitalismo, o sistema quebraria, como está quebrando, devido as suas contradições internas. Agora, ficou escancarado que não tem mais como sustentar o insustentável que é o beco sem saída do capitalismo da financeirização. Agora, os detentores do poder com todo o aparato estatal e com sua política e mercado, passaram a administrar o mergulho na barbárie em decorrência da fronteira histórica do capitalismo. Resultado: o capitalismo virou uma seita louca, suicida.

Basta ver o cenário pela disputa da hegemonia mundial se desenrolando no Titanic. Aqui, o comando é da regressão humana que por falta de uma resposta radical contra a crise vem estimulando um imperialismo de crise facista e embalando uma direita facista, que torna factível a guerra nuclear, o uso de armas biológicas, o avanço da catástrofe climática capitalista, a transhumanização da IA do capital que colocam em jogo a existência do ser humano e da natureza. Qualquer par do, grupo ou movimento que se autodetermina progressista, democrático e esquerda e que propõem uma mudança gradual sem abordar a crise do sistema, sem enfatizar a necessidade da transformação sistêmica se colocam como administradores da barbárie, que é o que se vê com a campanha eleitoral em curso e com várias campanhas que se desenrolam na atualidade.

A percepção da natureza da crise atual da sociedade capitalista, aqui e no mundo, nos permite dimensionar que esta crise atravessa a sociedade como um processo fetichista e incontrolável que se desenvolve mediado pelo Estado, concorrência e mercado. Afinal, o fetichismo produz a rendição impotente dos sujeitos à dinâmica social que eles próprios inconscientemente produzem.

ESTA SOCIEDADE NÃO É A ÚLTIMA PALAVRA DA HISTÓRIA

Afinal, a crise atual é completamente diferente das demais crises do capital. Antes, tratava-se de crises relacionadas com a expansão do sistema. As crises do século XIX, por exemplo, foram superadas porque o sistema não tinha alcançado todo o planeta, toda a reprodução social. Havia ainda um espaço interno para o desenvolvimento industrial. A crise econômica mundial dos anos 30, que foi uma ruptura estrutural num nível mais elevado de industrialização, acabou dominada pelas novas indústrias fordistas e pela regulação keynesiana.

Uma questão inteiramente nova surgiu quando a acumulação fordista esbarrou nos seus limites na década de 70 e o keynesianismo desembocou numa política expansionista com base no crédito público. A chamada revolução neoliberal percebe o perigo para o capitalismo e desloca o problema do crédito público para os mercados financeiros. Estávamos diante da mais importante ruptura estrutural do desenvolvimento capitalista marcado pela terceira revolução industrial. Entrou no ar um nível qualitativamente diferente de produtividade. Ao cortar o galho onde estava sentado, o capitalismo apresentou não só os seus sinais de destruição, mas exibiu o seu caráter autodestrutivo. Como já foi referido, seu milagre

da multiplicação dos pães consistia no fundamento do valor-dissociação, ou seja, na valorização do dinheiro.

Reforçando a análise, uma terceira revolução industrial, através da microeletrônica, o sistema elimina o trabalho que constitui a substância do capital. Sua fuga para a frente, através do neoliberalismo com sua especulação financeira, possibilitava a subida aos céus do dinheiro. Mas, como esse capital-dinheiro era e é fictício, o céu se transformou no inferno. Num inferno que já dura mais de três décadas, sustentado pelo endividamento e bolhas financeiras sem substância. Portanto, estando diante de uma conjuntura econômica global, baseada no déficit que não tem como ser sustentada indefinidamente.

Em razão disso, a era neoliberal da desregulamentação foi acompanhada por uma cadeia sem precedente histórico de crise financeira e de endividamento. Enquanto essas crises estiveram limitadas a certas regiões mundiais ou setores, elas puderam ser contidas por uma enxurrada de dinheiro dos bancos centrais. Mas, isso só criou as bases para o culminar do processo de crise.

Assim, desde outubro de 2008 a crise da terceira revolução industrial assumiu uma dimensão global. O estouro das bolhas financeiras, agora, traz à tona a falta de acumulação real. Um novo keynesianismo de crise, entretanto, apenas deslocou o problema do mercado financeiro novamente para o crédito público. Mas, isso num nível muito mais elevado do que na década de 70. O Estado tem tão pouca competência hoje como tinha então, para subsidiar a falta de acumulação real em longo prazo. A crise dos mercados financeiros, em vários países, é substituída pela crise das finanças públicas. Em quase todos os países elas constituem apenas a ponta do iceberg do caos da atualidade. A volta ao Estado mostra o esgotamento do sistema. Não existem mais novos mecanismos de solução da crise no nível de produtividade alcançada, como demonstra a impotência dos encontros, fóruns, reuniões, e medidas dos Estados Unidos, União Européia, Rússia, Índia, China, Brasil etc.

PERGUNTA: QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIAÇÃO DO “MOVIMENTO TRANSNACIONAL PELA EMANCIPAÇÃO”? O QUE VOCÊS BUSCAM A CURTO PRAZO COM ESSE PROJETO?

Até aqui, não se contava com uma ideia desenvolvida de um movimento social de ruptura com a ordem estabelecida. Não havia uma nova ideia de um movimento de emancipação transnacional humana e ambiental que pudesse formar um polo oposto à barbárie reinante. Não existia uma proposta para apreender e combater a totalidade capitalista no sentido de suplantar o moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias.

Em decorrência disso, os movimentos sociais existentes como os Indignados da Europa, da Primavera Árabe, do Occupy Wall Street, dos Movimentos Revolucionários da França, protestos em Cuba, Rússia, China, Europa, América Latina, África... etc, etc, e as manifestações no Brasil, os movimentos sociais, ecológicos, sindicatos, os partidos políticos de esquerda que permaneceram (e permanecem) presos à imanência do sistema. O que faz com que as simples lutas defensivas, mesmo as reivindicações modestas e imediatas, não tenham possibilidade de vitória por não se colocarem numa perspectiva de suplantação do sistema. O resultado, como se sabe, foi e continua sendo a manutenção da luta pela modernização do capitalismo.

Mas, o capitalismo já alcançou a sua modernização. Hoje, ele se depara, na sua crise atual, com seu limite histórico. Quem administra a crise dessa fronteira, administra sua barbárie. Eis porque, a persistência da teoria e da prática desses movimentos na atualidade, se reveste de um caráter retrógrado. E isso torna os movimentos sociais impossibilitados de porem um paradeiro no genocídio da humanidade e no ecocídio do planeta.

Não havia, como consequência disso, uma proposta de um movimento social inovador. Mas, agora, com base nessa radical inovação, irrompeu uma ideia em Fortaleza que

provoca a humanidade - o Movimento pela Emancipação Transnacional Humana e Ambiental. Trata-se da ideia de um movimento capaz de transformar a relação social existente e construir a sociedade para além do capitalismo. A saída para a vida plena de sentido.

Os anos de persistência na reflexão e na luta; a (re)descoberta da dinâmica capitalista, ou seja, a dissociação-valor; da essência, da lógica, do fundamento do sistema; as contribuições teóricas inestimáveis de várias pessoas; o limite histórico do caráter destrutivo e autodestrutivo do capitalismo; do colapso do sistema e um insight do devir histórico de um movimento transcendente contribuíram para dar vida a essa nova proposta.

Sua concretização supera as concepções teóricas e práticas que reinavam, até aqui, afirmando que a crítica ao sistema só poderia ser exercida no horizonte do próprio modo de produção capitalista. Com isso, chega ao fim a capitulação incondicional às regras, normas, princípios, organizações, estruturas e funções do mercado, Estado, instituições e demais categorias fundantes do capitalismo.

Entra na ordem do dia a vontade consciente do ser humano, com o iniciar de uma construção para um mundo superior de sociabilidade, que vai muito além das formas fetichistas da mercadoria, da política, do trabalho e do dinheiro. Aqui, a pré-modernidade, a modernidade, a pós modernidade e a ultramodernidade se revelam como pré-históricas.

Para o movimento basta aproveitarmos essa única e admirável conjunção histórica que passou a existir na trajetória da humanidade. Trata-se de uma conjunção que, de um lado, faz com que a crise atual apresente os limites do sistema capitalista. Isto no momento em que uma transformação social profunda pode ser realizada. Do outro lado, passamos a contar com uma formulação teórica e um movimento prático que reúne condições para dar conta dessa transformação emancipatória.

Portanto, não deveríamos perder essa rara oportunidade histórica. Afinal, a inconsciente utilização dos meios materiais existentes levou a sociedade ao funcionamento absurdo e, no entanto, nos possibilitou os meios materiais para uma organização superior do mundo que alcance a emancipação humana e ambiental. Com esta emancipação deixaremos de viver sob o império da barbárie, do terror e da ameaça de aniquilamento da humanidade e da natureza.

Analisando as experiências passadas, não foram poucas as reflexões e as lutas realizadas. Onde dimensionamos que a práxis emancipatória está em gestação. Uma gestação de revolta que exige uma prática coerente. Que recuse encontrar um lugar confortável na alienação geral, na busca de migalhas num mundo degradante. Numa prática que enfrente a crise atual da sociedade capitalista considerando que essa sociedade ameaça destruir a natureza, e, portanto, ameaça a todos nós, ficando cada vez mais afetados o solo, a água, a atmosfera e os alimentos que se tornam transgênicos e o esdobramento, já sem retorno, da crise climática capitalista. Uma prática que adote formas de luta cuja compreensão, organização e atuação sejam baseadas na ação direta das pessoas, para que possamos nos forjar enquanto visão teórica e prática da totalidade. Uma prática que não seja apenas de luta pela distribuição no interior do sistema, mas iniciativas que visem a suplantação do capitalismo. Uma prática que questione tudo, as nossas relações e os objetivos da transformação da sociedade e da natureza. Uma prática em que nossa recusa da política afirme a práxis transformadora para construir a felicidade humana, abolindo no nosso meio tudo o que tende a reproduzir a alienação. Uma prática que seja uma declaração de guerra à irracionalidade reinante. Uma prática que faça parte de um projeto que visa a uma existência rica e apaixonante, oposta à uma contemplação passiva. Uma prática que queira abolir tudo o que, atualmente, acha impossível a emancipação humana e ambiental.

Uma prática da qual possa se originar um radical movimento social contestatório. Uma práxis que exija uma combinação quase que perfeita, portanto, uma dialética entre imanência e transcendência, entre reforma, revolução e

emancipação, entre conscientização e sua atuação correspondente. Pois, nosso tempo histórico indica que estamos confrontados com a decadência do capitalismo, mas não ainda para o seu desaparecimento.

Para alcançarmos a suplantação desse sistema, torna-se indispensável construirmos um movimento social totalmente novo. Que contenha não só uma crítica teórica radical, mas também, uma atividade prática radical. Um movimento que contribua para o nascimento de um novo processo histórico.

É evidente que, não se trata de um movimento de caráter local, regional ou nacional, mas de um movimento social transnacional. Um movimento, portanto, que enfrente e supere o patriarcado, o feminicídio, a exploração, a dominação, o racismo, o ecocídio, a transfobia, enfim, a sociedade produtora de mercadorias com seu fetichismo e sujeito. É hora de darmos esse incontornável passo à frente. Um passo para pensar e construir o processo emancipatório mundial. Uma prática que dimensione que uma ofensiva de transformação social dessa envergadura, só poderá ser realizada se houver uma concentração de esforços teóricos e práticos transnacionais. Críticos(as) radicais do valor-dissociação de todo o mundo, uni-vos!

É compreensível que os poderes da nossa cidade, Estado, país e mundo nos considerem loucos porque queremos pôr fim à pré-história da humanidade. Mas, nada temos a perder se não a catástrofe para qual o capitalismo nos conduz. Temos a ganhar a Terra da emancipação humana e ambiental. Um planeta e um universo desfetichizados.

A VITÓRIA DO MOVIMENTO SERÁ A DESFETICHIZAÇÃO DO MUNDO

Um fetichismo domina o mundo - o fetichismo da mercadoria. Sua manutenção ameaça a vida humana e do planeta. Sua suplantação possibilita a emancipação de toda a humanidade. Afinal, o fetichismo não é só uma representação inversa da realidade, mas uma inversão da própria realidade e que constitui a base da sociedade atual. Uma sociedade que, em consequência disso, não tem consciência de si mesmo. Uma sociedade que não organiza diretamente a sua própria forma de socialização e dissocia homens e mulheres. Uma sociedade que se submete ao domínio de uma abstração real, que representa o trabalho e se expressa no dinheiro. Uma abstração que tem poder sobre todos os membros dessa sociedade. Uma sociedade que coloca as relações entre as pessoas como relações entre as coisas e das coisas. Uma sociedade que descarta o ser humano.

Uma sociedade em que o fetichismo da mercadoria se opõe ao ser humano e à sua própria sociabilidade. E o que é mais grave, pois, ele é considerado como um axioma implícito, pano de fundo tácito que é proibido questionar, uma obviedade, axiomática. Hoje, em todas as bases dessa sociedade, esse fetichismo fez morada. Impregnou todos os seus aspectos. Vive da inconsciência humana. Reina através da servidão voluntária. Leva o ser humano a viver uma vida desviviada, vivida sem viver. Tenta prolongar a vida capitalista. Sustenta todos os demais fetiches. Oculta segredos de sua superação. No desespero faz de tudo para impedir a emancipação humana e ambiental. Será possível superar o fetichismo?

Desfetichizar é pensar o impensável, é desnudar a lógica fetichista, é se instigar com a aproximação da realidade ao pensamento da crítica radical do valor-dissociação. É desontologizar o capitalismo, é desenvolver uma teoria capaz de dimensionar:

- que a realidade surge no fetichismo e o fetichismo é real;
- que o valor é a dissociação e a dissociação é o valor;
- que a crise atual do capitalismo não é só crise do limite do valor, mas também crise do limite da relação entre os sexos e crise da relação entre o ser humano e a natureza;
- que a emancipação contra a constituição do fetiche e seu sistema é a mesma da superação do sujeito;
- que a história só pode ser compreendida como história das relações fetichistas.

Compreender o fetichismo é captar, em primeiro lugar, a lógica destrutiva e autodestrutiva desta sociedade e, em seguida, a sua história. Do ponto de vista lógico, por exemplo, é o valor-dissociação que conduz à criação das classes. E foi a luta de classes que produziu a modernização do capitalismo.

Antes, a fetichização do mundo do valor-dissociação possibilitou o desenvolvimento do capitalismo. A partir daí, com o domínio do valor dissociação, esse sistema desconheceu obstáculos. Hoje, com a microeletrônica 5,0 através da IA o sistema atinge seu limite e o resultado é um impasse atual. O capitalismo perdeu sua dinâmica. À época do “não sabe, mas faz” está se evaporando. O mundo do macho acabou. E o valor-dissociação pode desaparecer.

Com isso, o fetichismo da mercadoria através de sua inversão entre o concreto e o abstrato, entre o ser humano e os seus meios e entre o sujeito e o objeto provoca rachaduras na aparência e começa a expor a sua essência, a sua irracionalidade. O resultado é o colapso na civilização.

Agora, a concepção de mundo com base nas formas fetichistas sofre profundos abalos. As prospecções anunciadas vão se configurando. Inusitadamente os relâmpagos advindos dos mercados financeiros mundiais, indicam, pela primeira vez na história, sinais de que o fetichismo pode ser superado. E, como o fetichismo da mercadoria é o fetichismo por excelência, sua superação possibilitará também a superação de todos os demais fetichismos. Por causa disso, nunca houve um período da história em que a vontade consciente da pessoa humana tenha tido tamanha importância.

Será possível superar o fetichismo? Desfetichizar, é pensar o impensável e fazer o impossível para superar o fetichismo. É construir a ruptura com o capitalismo. É ir muito além do fetichismo, do patriarcado, do racismo, da transfobia, do feminicídio etc... e a totalidade do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias, o capitalismo com todas as suas categorias fundantes. Desfetichizar é desnudar a aparente racionalidade da irracionalidade da modernidade capitalista.

Eis, o início instigante do processo emancipatório. O momento de pegar a chave, abrir a porta e entrar no quarto proibido onde estão guardados os segredos de toda a humanidade. A época para o voo mais alto da inteligência humana. O período da mais bela reflexão e luta de todos os tempos. É para pensar o impensável e fazer o impossível que este movimento nos desafia.

UM BREVE RESUMO DA CRÍTICA NA HISTÓRIA

O pensamento pré-moderno acrítico só era possível sob a condição de que a sociedade repousasse estaticamente sobre si mesma e o pensamento reflexivo se reportasse, não ao vazio, mas a uma ordem divina. Não há mais volta a esta situação.

O pensamento moderno, tendo por base a filosofia iluminista burguesa e a teoria econômica a ela vinculada e praticada, realizou uma grande façanha ao vender o contexto da forma social capitalista, antes totalmente inexistente, como uma lei natural da convivência humana. Esse êxito contou com uma destacada contribuição da crítica imanente ao capitalismo. Enquanto o capitalismo tinha horizontes pela frente, ficou fácil projetar para toda a história da humanidade a necessidade das relações sociais e patriarcais capitalistas. Mas, agora a crise mundial atual escancara os limites do sistema. E a teoria imanente ao capitalismo esvai-se junto com ele. Daí só pode advir uma razão, a razão que quer desesperadamente jus ficar a administração da barbárie.

O pensamento pós-moderno constitui a crítica social fragmentada no estado terminal do sistema e se coloca contra toda teoria que examina o conjunto da sociedade. Trata-se de uma reflexão teórica que cada vez mais se fragmenta porque a dinâmica social a ela subjacente extinguiu-se.

As gerações pós-modernas, portanto, já não compreendem os conceitos de reflexão. Elas são o que são e mais nada. São perfeitamente idênticas a seus atos banais, quanto mais absurdos forem esses atos.

O pensamento da crítica radical do valor-dissociação en-

tende a teoria como crítica categorial ao capitalismo, às suas raízes, como crítica à irracionalidade do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias, ou seja, ela repudia as classificações ontológicas básicas do capitalismo: valor, dissociação, trabalho, dinheiro, política, mercado, Estado, nação, democracia, direito, economia, concorrência, sujeito, etc..., que abrange todos os grupos, classes e camadas sociais que formam o sistema coletivo de referência dos conflitos sociais intercapitalistas.

Como vimos, através de nossa análise, o capitalismo só surgiu, se desenvolveu, superou suas crises e hoje, na sua decadência, balança, mas não cai porque ainda estão parcialmente intactas suas formas sociais categoriais básicas.

Elas resistem e querem permanecer gozando de uma plenitude de causar espanto aos seus novos coveiros. E, ainda hoje, continuam sendo consideradas como axiomas implícitos, um pano de fundo tácito que é proibido questionar. Criticá-las é como se o mundo viesse abaixo por causa dessas críticas. Ao contrário, é exatamente por falta da crítica teórica e prática a essas categorias que o mundo está vindo abaixo. Se isso persistir, persistirá o capitalismo, persistirá a barbárie capitalista que ameaça de extinção a humanidade e a natureza. Se essas categorias fundantes do capitalismo continuarem existindo, deixará de existir o ser humano, a natureza e o planeta Terra. Uma conclusão realista diante das catástrofes previsíveis, mas de dimensões imprevisíveis que se anunciam.

A crítica radical do valor-dissociação ao fetichismo nos permite compreender que ele nos acompanha desde os primórdios da humanidade. Por causa disso, a nossa história é a história das relações fetichistas, vale dizer, não só a história contemporânea. Por mais diferentes que as relações sociais tenham sido na história das sociedades, até aqui existentes, uma conclusão se impõe: todas elas foram dirigidas por meios fetichistas. Nunca existiram, portanto, sociedades autoconscientes que pudessem decidir livremente sobre o emprego de suas possibilidades. O moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias representa, apenas, a última forma social da dinâmica fetichista, em colapso.

Com isso, o mundo capitalista passa, a partir de agora, a ser dimensionado como uma etapa passageira na história da humanidade. E a consanguinidade, o totemismo, a propriedade do solo e o valor dissociação passam a ser considerados como etapas mais longas do processo através do qual o ser humano se despregou da natureza, tornando-se um ser relativamente consciente em relação à primeira natureza, mas não ainda em relação à segunda natureza, que é a sua própria conexão social criada inconscientemente por ele mesmo.

Com tudo isso, evidencia-se a resposta para a verdadeira dimensão da crise mundial no século XXI. Trata-se da superação, não só da história capitalista, mas da história existente até agora. Não só a era da guerra fria acabou com a entrada em cena da guerra imperialista da crise fascista. Mas, chegou ao fim também a história mundial da modernização. Não apenas essa história especificamente moderna, mas a história mundial das relações de fetiche em geral.

Em razão de tudo isso, a proposta do Encontro Transnacional para a construção do Movimento pela Emancipação Transnacional Humana e Ambiental quer fazer desse tempo o seu tempo: um tempo para além da relação social do valor-dissociação no sentido de abrir perspectivas nas lutas das ideias e práticas sociais e ecológicas da atualidade. Sua razão de ser reside no fato de que o movimento é a expressão concentrada de uma transformação histórica inusitada, realmente emancipatória.

O que tem nele de radicalmente novo corresponde precisamente às novas tendências históricas que configuram uma crise de novo tipo da sociedade moderna. Uma crise que expõe pela primeira vez as fronteiras do sistema capitalista.

Captar essas tendências foi o primeiro sinal antecipado do triunfo da subversão emancipatória. Seu segundo sinal será a ruptura ontológica, a suplantação do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias e sua substituição por uma sociedade humanamente diversa e

desfetichizada, socialmente igual e criativa, ecologicamente exuberante e bela, prazerosa no ócio produtivo e completamente livre.

PERGUNTA: ENTENDENDO QUE A MAIORIA DOS REFERENTES DA WERTKRITIK NA EUROPA SE POSICIONAM AO LADO DE ISRAEL, QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM GAZA? PODERIAM EXPLICAR COM DETALHES A SUA POSIÇÃO COLETIVA ENQUANTO GRUPO?

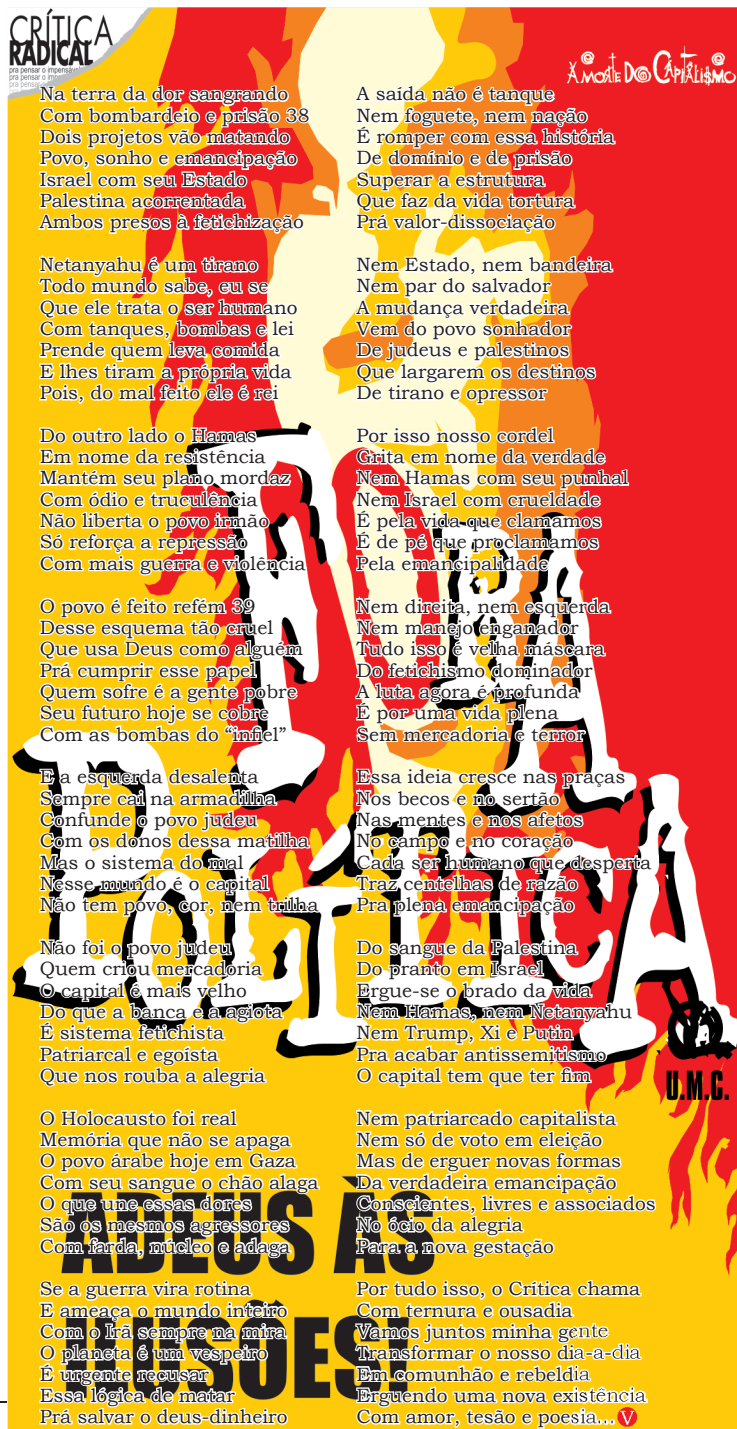
NEM NETANYAHU!

NEM HAMAS!

PELA LIBERTAÇÃO DO POVO JUDEU!

PELA LIBERTAÇÃO DO POVO PALESTINO!

PELA EMANCIPAÇÃO HUMANA E AMBIENTAL JÁ! 



CRÍTICA RADICAL
uma parceria do movimento
pelo futuro e pelo presente

A morte do Capitalismo

Na terra da dor sangrando
Com bombardeio e prisão 38
Dois projetos vão matando
Povo, sonho e emancipação
Israel com seu Estado
Palestina acorrentada
Ambos presos à fetichização

Netanyahu é um tirano
Todo mundo sabe, eu sei
Que ele trata o ser humano
Com tanques, bombas e lei
Prende quem leva comida
E lhes tiram a própria vida
Pois, do mal feito ele é rei

Do outro lado o Hamas
Em nome da resistência
Mantém seu plano mordaz
Com ódio e truculência
Não liberta o povo irmão
Só reforça a repressão
Com mais guerra e violência

O povo é feito refém 39
Desse esquema tão cruel
Que usa Deus como alguém
Prá cumprir esse papel
Quem sofre é a gente pobre
Seu futuro hoje se cobre
Com as bombas do "infel"

E a esquerda desalenta
Sempre cai na armadilha
Confunde o povo judeu
Com os donos dessa matilha
Mas o sistema do mal
Nesse mundo é o capital
Não tem povo, cor, nem trilha

Não foi o povo judeu
Quem criou mercadoria
O capital é mais velho
Do que a banca e a agiota
É sistema fetichista
Patriarcal e egoísta
Que nos rouba a alegria

O Holocausto foi real
Memória que não se apaga
O povo árabe hoje em Gaza
Com seu sangue o chão alaga
O que une essas dores
São os mesmos agressores
Com farda, núcleo e adaga

Se a guerra vira rotina
E ameaça o mundo inteiro
Com o lá sempre na mira
O planeta é um vespertino
É urgente recusar
Essa lógica de matar
Prá salvar o deus-dinheiro

A saída não é tanque
Nem foguete, nem nação
É romper com essa história
De domínio e de prisão
Superar a estrutura
Que faz da vida tortura
Prá valor-dissociação

Nem Estado, nem bandeira
Nem par do salvador
A mudança verdadeira
Vem do povo sonhador
De judeus e palestinos
Que largarem os destinos
De tirano e opressor

Por isso nosso cordel
Grita em nome da verdade
Nem Hamas com seu punhal
Nem Israel com crueldade
É pela vida que clamamos
É de pé que proclamamos
Pela emancipabilidade

Nem direita, nem esquerda
Nem manejo enganador
Tudo isso é velha máscara
Do fetichismo dominador
A luta agora é profunda
É por uma vida plena
Sem mercadoria e temor

Essa ideia cresce nas praças
Nos becos e no sertão
Nas mentes e nos afetos
No campo e no coração
Cada ser humano que desperta
Traz centelhas de razão
Pra plena emancipação

Do sangue da Palestina
Do pranto em Israel
Ergue-se o brado da vida
Nem Hamas, nem Netanyahu
Nem Trump, Xi e Putin
Pra acabar antisemitismo
O capital tem que ter fim

Nem patriarcado capitalista
Nem só de voto em eleição
Mas de erguer novas formas
Da verdadeira emancipação
Conscientes, livres e associados
No ócio da alegria
Para a nova gestação

Por tudo isso, o Crítica chama
Com ternura e ousadia
Vamos juntos minha gente
Transformar o nosso dia-a-dia
Em comunhão e rebeldia
Erguendo uma nova existência
Com amor, tesão e poesia... 

U.M.C.



OSMAR Monte (*José Osmar Monte Rocha*), poeta, escritor e colunista, filho de Adonias Cruz Rocha e Isaura Monte Rocha. Presidente e Fundador do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Brasília – NALAB. Membro das Academias de Letras: de Barra do Corda (MA); de Letras e Artes de Goiás; ALETRAS/GO; AMBA/MG; ABARS/RS; LITERARTE; AIAB/DF; de Ciência, Letras e Artes da Itália – NAISLA; de Letras do Chile; Fundador da ALARJ/RJ e Participante em 25 Antologias (Poesias e Contos). Contato: e-mail: osmar.monte@gmail.com / Instagram: [@osmar.monte](https://www.instagram.com/osmar.monte) / Facebook: Osmar Monte

UMA MATUTA

MINEIRA VIAJANDO NAS NUVENS

■ Osmar Monte

Estamos em pleno século XXI, no ano de 2026, e muitas pessoas não experimentaram uma viagem de avião; e muitas outras sequer andaram em ônibus. Isso é natural num país de grandes dimensões e desigualdades econômico-sociais.

Um fato curioso aconteceu num voo de Brasília ao Rio de Janeiro. Uma Senhora de aproximados 70 anos de idade, mineira, moradora na área rural das várzeas (Vazante/MG), pela primeira vez saiu do interior de Minas Gerais, com a finalidade de ir visitar parentes. A mulher de nome Luzia, nascida e criada naquela localidade, resolveu realizar o sonho de viajar de avião e conhecer o Rio de Janeiro. Teve a primeira emoção ao sentir a decolagem de uma aeronave voando pelas alturas.

Quando todos os passageiros estavam



sentados, a comissária de voo falou: “Passageiros do voo..., aqui fala a comissária... Apertem os cintos e observem os avisos luminosos... “Em seguida, uma vistoria olhando todos, foi constatado que a Senhora Luzia não havia colocado o cinto: “Senhora, por favor queira apertar o seu cinto”. Ela respondeu: “Eu não vou ficar amarrada nesta cadeira; e se eu precisar pular?”

Finalmente, a comissária de bordo gentilmente foi até o assento e fechou o cinto da passageira. O avião decolou e em minutos alcançava altura, até sobrevoar por cima das nuvens encantadoras que mostravam um cenário celestial.

A dona Luzia chamou uma outra comissária e perguntou: “Moça, “nóis tá” indo pra onde nesse fumaceiro que ninguém “inxer-ga” nada? “Logo, a comissária explicou que isso é normal e que os aviões voam acima das nuvens.

O ambiente parecia tranquilo quando o comandante do avião anunciou: “Vamos passar por uma turbulência.” O avião sacudiu e a turbulência mostrava a queda de muitos metros, gerando desconforto nos passageiros. Dona Luzia gritou: “Chame o chofer do avião e diga que eu quero descer; eu não aguento esse sacolejado; tá parecendo brinquedo de balanço pendurado em galha de pau”.

O susto passou. O avião manteve a tranquilidade do voo em “céu de brigadeiro”. Dona Luzia puxou conversa com uma jovem que estava sentada do lado: “Oi 'muié', o que 'ocê' vai fazer na Cidade Maravilhosa? Vai passear?” Educadamente, a bela jovem respondeu: “Eu sou poetisa e escritora; vou ao Rio de Janeiro participar de um evento literário; vou receber um importante título acadêmico e o lançamento de uma antologia”. “Uai”. Murmurou a dona Luzia.



Dona Luzia arregalou os olhos, franziu a testa e mostrou-se espantada: nunca tinha pensado de encontrar uma intelectual da literatura. E continuou falando que ia visitar parentes e conhecer a praia. Ela tinha medo do mar porque ouviu falar que no mar moram fantasmas que puxam as pessoas para Iemanjá levar para um Reino Encantado.

A conversa continuou, a escritora pacientemente explicou para dona Luzia que isso é fantasia popular; que as belezas do mar são obras da Natureza; que as ondas têm força e ninguém deve descuidar para não ser arrasado...

Logo foi anunciado pelo comandante o pouso no Aeroporto Santos Dumont. Dona Luzia gritou: “Para esse trem que 'nóis' vai cair nas águas e eu não sei nadar...” Felizmente, o avião pousou com normalidade e dona Luzia suspirou: “Eu 'tô' morrendo de medo, minhas mãos tão frias e minhas pernas entevadas”. 📌

CASSIA MENDES

é missionária, pregadora, levita e voluntária, movida pelo amor à vida, à natureza, aos animais e, sobretudo, às pessoas. Sua trajetória é marcada pelo propósito de servir, acolher e levar esperança, colocando seus dons a serviço de Deus e do próximo.

Apaixonada pela arte de cuidar, encontra na culinária uma forma de expressão, acolhimento e conexão, reconhecendo no preparo dos alimentos um gesto capaz de promover bem-estar e proporcionar momentos de cuidado e prazer.

Especialista em culinária, Cassia acredita que cozinhar vai muito além de preparar alimentos: é criar memórias, compartilhar afetos e fortalecer vínculos. Por isso, incentiva as pessoas a descobrirem o prazer de preparar suas próprias receitas e a reunirem amigos e familiares ao redor da mesa, transformando cada encontro em uma oportunidade de celebrar a vida, o amor e a comunhão. 

“Para mim, servir é uma expressão de amor: seja por meio da fé, do cuidado ou da culinária, cada gesto é uma oportunidade de acolher, conectar e transformar vidas.**”**

(Cassia Mendes)



CÉLIA Soares, poeta, autora da obra *A Dama dos Anéis*, 2023, pela editora Lima & Félix. É membro e cadêmica da Academia Aguaslindense de Letras - ALETRAS. Participou da Colheita 7 do Celeiro Literário Brasiliense, e é atuante na literatura brasiliense. Participou do Encontro das Mulheres Escritoras do Centro-Oeste, na Biblioteca Nacional de Brasília, em 2023 e da Mostra Mulherio das Letras DF, em 2024.

A MENINA NA TRESIDELA

Descendo a ladeira,
lá vem ela da Tresidela.
Ladeira abaixo vai passando,
na mão do ancião vai tocando,
de leve sorri a menina,
leveza doce e cristalina.

Descendo a ladeira,
encontra a todos pelo chão,
cumprimenta com carinho,
oferece abraço e afeição.
Faz um afago contente,
trazendo sorriso à gente.

Lá vai ela, ladeira abaixo,
abraçou o doutor de passagem,
tropeçou num menino apressado,
mas seguiu sua viagem.
Latiu o cachorro ligeiro
que cruzou o seu roteiro.

Lá vem ela,
sorrindo e cantando
a cantiga do amor,
espalhando encanto e calor.
Abriu o guarda-chuva
sob o sol forte do dia ardente.

Lá vem ela descendo a ladeira,
com sua alegria reluzente.
Tresidela ficou na lembrança,
feito perfume de esperança.
Lá vem ela descendo a ladeira,
dançando e cantando inteira
a sua eterna cantiga do amor. ♥

OS SONHOS

Os sonhos
Que enveredei
Nas cortinas entrelaçadas,
Emaranhadas e confusas,
Se foram.
Para despertar
Na agonia,
Dos sonhos maus
Já se foram.
Debrucei-me para
Acordar de todo mal
E levantei-me
Para não dormir. ♥

Poeta Brithowickys



KEULA Rodrigues, nasceu em Taguatinga-DF. Historiadora, Pedagoga, especialista em Ed. Infantil, Ensino Especial, Saúde Mental, Mestre em Ciência Política e Psicanalista. Imortal da ATL e da ALMUB. Membro da AIAB e AJEB-DF. Presidente do JOMA (Biênio 2024-2026) e da ALETRAS. Conselheira do CDCA-DF. Membro da Maçonaria Feminina. Membro do Rotary Club de Águas Lindas de Goiás. Escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos, textos acadêmicos e outros. Publicou quatro livros infantojuvenis e mais de 30 Antologias nacionais e internacionais. Organizadora de Antologias, Saraus, Oficinas, Rodas de Mulheres, Mestre de Cerimônia, Produtora Cultural e Conselheira Editorial. Participa de ações educativas voltadas a consciência ambiental no Projeto NULLA. Praticante de danças, percussão e coralista. Contato: @keularodrigues.

Discurso proferido pela escritora Keula Rodrigues, Presidente da Academia Aguaslindense de Letras-ALETRAS, na Cerimônia de Posse de Beneméritos /1º - 2026.

BOA NOITE A TODAS E A TODOS!

Saudações aos nossos acadêmicos titulares, na pessoa do Presidente de Honra, escritor Pedro Gomes e do meu Vice-Presidente escritor Osmar Monte; Saudamos os nossos Acadêmicos Beneméritos que tomarão posse nesta data, seus familiares, amigos e convidados. Não poderia também deixar de destacar a presença de moradores locais, sede de nossa academia e em especial aos que nos visitam pela primeira vez.

Somos uma Academia de Letras aos mesmos moldes da Academia Francesa e da Academia de Letras Brasileira, com 40 cadeiras e um patrono escritor renomado para cada uma delas. A forma de tornar-se um titular da ALETRAS é entrando primeiramente como Benemérito para posteriormente, ao participar de nossas atividades, se for do interesse do escritor, fazer uma solicitação formal, enviar currículo, passar por uma entrevista com os acadêmicos diretores e pleitear uma de nossas cadeiras com vacância. Dessa forma, todos que já são beneméritos e os

que tomam posse hoje, poderão seguir os trâmites regimentais e tornarem-se futuros Acadêmicos Titulares, com seus respectivos patronos e cadeiras. Temos um regimento interno e em conformidade com este regimento, a cadeira torna-se vaga por vontade própria do titular, remanejamento por descumprimento de alguma cláusula do estatuto ou por falecimento, que resulta na declaração da imortalidade do referido escritor. Feitos os devidos esclarecimentos a esse respeito, são todas e todos muito bem-vindos a tornarem-se titulares.

Após esse informe de interesse, passamos a discorrer sobre a atual gestão, pois neste discurso de ingresso acadêmico, o intuito é apresentar-lhes a nossa casa e o seu modelo de funcionamento. Estamos eu e o meu vice-presidente, o escritor Osmar Monte, no segundo ano do nosso mandato, que se encerrará em março de 2027.

Nossa chapa tem como lema: VOZES LITERÁRIAS. Tal escolha se deu com o objetivo de alinharmos as nossas ações ao máximo com a postura, produção literária e acadêmica de nos-

so Patrono, Darcy Ribeiro, que em sua trajetória como educador e escritor sempre se pautou pelo princípio da inclusão e pelos parâmetros do Estado Democrático de Direito. Dessa forma, conforme dito em nosso discurso de posse, nossa gestão está sendo conduzida de forma dialogada, compartilhada, colegiada e progressista. Estamos fazendo história com a primeira presidente mulher da ALETRAS, após quatro presidentes homens, desde a sua fundação em 2012.

Os desafios são grandes, pois as mulheres são maioria em termos quantitativos entre a população brasileira, mas ainda são minorias civis, no que se refere a ocupação de cargos majoritários, igualdade salarial e tantos outros índices. A mortalidade de mulheres causada pelo feminicídio supera outros indicativos motivacionais, sendo que no estado de Goiás os índices são alarmantes, além de vários estados da federação. Há que permanecermos diuturnamente em estado de alerta e vigilância, para não sermos vítimas e nem revitimizadas pela via da síndrome de Estocolmo, em que pese a vítima identificar-se com o seu algoz ao sair em sua defesa e/ou permanecer ao lado dele. Que as aletrianas possam ser exemplo interno e externo da prática da sororidade em benefício do resguardo do feminino sagrado.

Em nossa academia temos um estatuto bastante inclusivo, não discriminatório e positivado pela Carta Magna Brasileira de 1988, em que todos são iguais perante a lei e devem usufruir dos mesmos direitos. Portanto, a instituição ALETRAS não é discriminatória, pois, discriminatórias são determinadas atitudes naturalizadas e cometidas no dia a dia, tanto por homens quanto por mulheres. Há que ser vigilante o tempo inteiro para não ser tragada e não desistir frente aos desafios que não são pequenos para uma mulher em uma presidência. Sendo que, das 40 cadeiras acadêmicas temos como patronos trinta e cinco escritores e apenas cinco escritoras. Dentre a ocupação atual, somos 14 mulheres e 19 homens. Com relação a essa ocupação, estamos quase em equilíbrio, apesar de ainda termos uma diferença entre homens e mulheres em um percentual de mais de 30% e obviamente, mulheres ocupando cadeiras de escritores em maior proporção do que de escritoras. Sendo que apenas dois homens ocupam cadeiras de escritoras.

Fiz opção por fazer essa análise panorâmica Qualis/Quanti para que os ingressantes te-

nham uma visão interna da academia em sua composição humana e para que possamos fazer um recorte sociológico da importância real e simbólica de termos a primeira mulher na presidência da ALETRAS. Deixo uma reflexão para os presentes, novos ingressantes e atuais acadêmicos, repetindo uma frase do meu discurso de posse: “homens e mulheres não estão em lados opostos, somos pares complementares”. Que possamos juntos construir uma ALETRAS, inclusiva, não machista, não sexista, não misógina, não etarista e desprovida de toda e qualquer forma de preconceito. Seja de raça, cor, crença religiosa ou orientação sexual, em respeito a dignidade da pessoa humana, nossa condição maior, como adverte a filósofa Hanna Arendt, especialista em regimes totalitários.

Para quase concluir, tomo como parâmetro os escritos de Darcy Ribeiro em sua obra *O Povo Brasileiro: Formação e o sentido do Brasil*, especialmente na afirmação: “o Brasil foi forjado na diversidade cultural”, portanto, na formação do Estado brasileiro não houve a possibilidade de escolha, ao contrário, ela resultou de um processo histórico marcado pelo encontro – muitas vezes violento e compulsório – entre os povos indígenas (ocupantes locais), os europeus que aqui chegaram como colonizadores e os africanos trazidos à força a serem escravizados. Assim sendo, a diversidade cultural em todas as suas nuances, incluindo as questões de gênero, configuram-se como produto de relações históricas marcadas pela dominação. Mas, pela resistência e não por uma opção deliberada dos diferentes povos envolvidos.

Se hoje temos liberdades de escolha, façamos uso dela em prol da construção de uma sociedade mais igualitária e mais justa para todos.

Lembrando as palavras de Paulo Freire: “Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.” Em face da paridade de gênero, concluo com as palavras de Hanna Arendt: “É na ação e no discurso que os homens revelam quem são!”

Em tempo, gostaria de agradecer a acadêmica titular Divanir Castro, pela inspiração discursiva.

Tenho dito,

Keula Rodrigues-Presidente da ALETRAS (2025-2027)

Cadeira número 10, Patrono Rui Barbosa.

Águas Lindas de Goiás 04 de julho de 2026.

Pela oportunidade agradeço! 🇧🇷

EDUCAÇÃO OU ADESTRAMENTO AMBIENTAL?



RICARDO Delfino Guimarães, *graduado em Ciências Contábeis no Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba - CESVALE-PI. Especialista em Direito e Gestão de Empresas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC-SC. Mestre em Administração de Empresas pela UNIVALI-SC. Doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento – UFSC-SC. Livro publicado sobre o Terceiro Setor e Metodologia da Pesquisa Científica: Teoria e Prática (ISBN). Também, publicação de artigos científicos em revista científica na USP, Mackenzie e UFPB.*

A questão ambiental tornou-se um importante foco de atenção e de modismos, sem precedentes históricos, sobretudo a partir da década de 1980. Desde então, manchetes deste tipo permearam os jornais e noticiários de todo o mundo e os chamados desastres ecológicos e as previsões apocalípticas passaram a fazer parte do nosso dia a dia. Isso é historicamente novo. Até a primeira metade do século XX e mesmo até meados

dos anos 1960, preocupações globais com a saúde da Terra eram praticamente inexistentes.

Tais intervenções resultantes da interferência humana têm se traduzido frequentemente em problemas como extinção de espécies, mudanças climáticas, poluição, exaustão de recursos úteis ao homem e outras questões que nos são hoje bastante familiares.



O ponto crucial é que a questão de recursos naturais não é uma questão apenas técnica e, com isso, não pode ser isolada do contexto social e político. O que precisamos, urgentemente, é de novos valores éticos em todos os setores de nossas vidas. Infelizmente, é preciso admitir ainda que adestramento, em vez de educação, é o que ocorre em diferentes níveis e áreas do ensino formal em nosso país. Por que isso acontece? A educação-adestramento é uma forma de adequação dos indivíduos ao sistema social vigente. Não se quer dizer com isso que uma adequação seja intrinsecamente ruim – pelo contrário, adequações são sempre necessárias para se viver em qualquer sociedade. O que se deseja criticar, sim, é a adequação que conduz parti-

cularmente à perpetuação de uma estrutura social injusta.

A educação se distingue do adestramento por ser este último um processo que conduz a reprodução de conceitos ou habilidades técnicas, permanecendo ausente o aspecto de integração do conhecimento, condição *sine qua non* para a formação de uma visão crítica e criativa da realidade. Poder-se-ia fazer também uma analogia entre o adestramento e a educação.

Portanto, a educação deve pertencer ao domínio do pensamento crítico e, em sendo assim, deveria proporcionar os meios básicos para tornar os alunos capazes de distinguir o conteúdo dos diversos discursos, independentemente das formas sob as quais possam se apresentar. ❶



MICHAEL Laiso Felix, jornalista, historiador e especialista em Cultura Afro-Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como ativista do movimento negro e militante na promoção dos direitos humanos, da igualdade racial e do enfrentamento às desigualdades sociais. Na comunicação, construiu uma trajetória voltada ao fortalecimento da imprensa regional e da valorização da cultura. Foi editor do Jornal Tribuna Afro-Brasileira, fundador do Jornal Novo Tempo, e editor-chefe do DM Entorno, caderno regional do tradicional jornal goiano Diário da Manhã. Na vida pública, exerceu o cargo de secretário municipal de Educação e de Cultura de Alexânia (GO), assessor parlamentar na ALEGO, além de presidir diversos conselhos de políticas públicas. Morador de Águas Lindas de Goiás, é Acadêmico Benemérito da Academia Aguaslindense de Letras (ALETRAS), dirigente da Associação das Tradições Culturais e Sociais Afro-Brasileiras e Ameríndias do Estado de Goiás (ATRACAR) e uma liderança na defesa dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana no Centro-Oeste

Águas Lindas, uma terra de Axé

■Michael Laiso Felix

No imaginário popular brasileiro, a Bahia — especialmente Salvador — ocupa o lugar simbólico da "terra do axé", reconhecida como o principal berço das religiões de matriz africana no país. Essa percepção, construída pela força da história, da cultura e da resistência do povo baiano, é absolutamente legítima. Entretanto, quando observamos os dados estatísticos e a distribuição das comunidades tradicionais de terreiro pelo Brasil, percebemos que o axé floresceu muito além das fronteiras baianas.

Os dados do Censo Demográfico 2022, divulgados pelo IBGE, mostram que o estado com a maior proporção de pessoas que se declaram adeptas da Umbanda, do Candomblé e de outras religiões afro-brasileiras é o Rio Grande do Sul, com 3,2% da população. Em seguida aparecem o Rio de Janeiro (2,7%), São Paulo (1,6%) e, somente então, a Bahia, com 1,5%.

É importante compreender que esses números provavelmente representam apenas uma parte da realidade. Diversos pesquisadores apontam que o Censo tende a subestimar o número de prati-

cantes das religiões afro-brasileiras. Muitos frequentadores de terreiros se autodeclaram espíritas, católicos ou pertencentes a outras tradições religiosas, seja por sincretismo, dupla pertença religiosa ou pelo receio de sofrer discriminação em razão do racismo religioso. Ainda assim, os dados do IBGE constituem a principal referência estatística oficial e devem servir como base para qualquer análise séria.

Esses números demonstram que as religiões de matriz africana estão presentes em todo o território nacional e que o Brasil é profundamente marcado pela diversidade cultural construída pelos povos africanos e seus descendentes.

Goiás é um estado majoritariamente cristão, mas também possui uma forte presença da cultura afro-brasileira. São 98 comunidades quilombolas identificadas, inúmeros grupos de congada, que unem a tradição católica às raízes africanas, além de centenas de terreiros que preservam saberes, práticas religiosas e patrimônios culturais transmitidos entre gerações.

Foi nesse contexto que o Instituto ATRACAR realizou, entre 2024 e 2025, um amplo mapeamento das comunidades tradicionais de terreiro no município de Águas Lindas de Goiás. O resultado surpreendeu até mesmo quem já conhecia a força da religiosidade afro-brasileira na cidade.

Foram identificados 120 terreiros pertencentes a diferentes tradições, entre elas Umbanda, Candomblé, Terecô, Ifá e Umbandaime. Mais do que um simples levantamento quantitativo, o estudo revelou a extraordinária presença das religiões de matriz africana no município e sua importância para a formação da identidade cultural local.

Quando esses dados são comparados com outros levantamentos nacionais, o resultado torna-se ainda mais expressivo.

Em 2018, um mapeamento realizado no Distrito Federal identificou aproximadamente 400 terreiros distribuídos entre uma população de cerca de 2,8 milhões de habitantes. Isso representa cerca de 14,3 terreiros para cada 100 mil habitantes.

Já Águas Lindas, com aproximadamente 245 mil habitantes e 120 terreiros identificados, apresenta cerca de 49 terreiros para cada 100 mil habitantes. Em termos proporcionais, isso significa que o município possui uma concentração de terreiros aproximadamente 3,4 vezes superior à observada no Distrito Federal.

A comparação torna-se ainda mais surpreendente quando observamos Salvador.

Pesquisa realizada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), por meio do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), identificou 1.165 terreiros na capital baiana. Embora Salvador seja reconhecida nacionalmente como um dos maiores símbolos das religiões de matriz africana, a cidade apresenta uma densidade de aproximadamente 48 terreiros para cada 100 mil habitantes.

Águas Lindas, por sua vez, alcança cerca de 49 terreiros para cada 100 mil habitantes.

Em outras palavras, uma cidade localizada no Entorno do Distrito Federal apresenta, proporcionalmente à sua população, uma concentração de terreiros maior que a encontrada em Salvador, uma das maiores referências afro-religiosas do mundo.

Esse dado não pretende estabelecer uma competição entre cidades nem diminuir a importância histórica da Bahia para as religiões de matriz africana. Ao contrário, evidencia que o axé se espalhou pelo Brasil, criou raízes em diferentes territórios e produziu novas referências religiosas e culturais. Águas Lindas é uma dessas referências.

Infelizmente, junto com essa riqueza cultural também se manifesta uma dura realidade: o racismo religioso. A cidade registra inúmeros episódios de intolerância praticados contra comunidades tradicionais de terreiro e seus integrantes. Crianças são hostilizadas nas escolas por utilizarem roupas brancas, fios de conta ou outros elementos de sua tradição religiosa. Muitas vezes, o preconceito parte não apenas de colegas, mas também de profissionais da educação.

No mercado de trabalho, muitos adeptos da Umbanda, do Candomblé e de outras tradições escondem sua religião por receio de sofrer perseguições, perder oportunidades ou até mesmo serem demitidos.

Nos serviços públicos, também são frequentes os relatos de constrangimento. Servidores e usuários contam que são levados a participar de orações, cultos ou momentos de devoção organizados durante o expediente por gestores ou colegas, sempre vinculados a tradições cristãs. Diante do medo de retaliações, muitos afro-religiosos permanecem em silêncio, mesmo quando sua liberdade de consciência e de crença é claramente desrespeitada.

Essas situações demonstram que o reconhecimento da diversidade religiosa previsto na Constituição ainda está longe de se concretizar plenamente na vida cotidiana.

Os números apresentados neste artigo revelam uma realidade que, durante muito tempo, permaneceu invisível. Águas Lindas não é apenas um município que abriga dezenas de terreiros; é um território profundamente marcado pela presença das tradições de matriz africana, por seus saberes ancestrais, por sua religiosidade e por sua contribuição à identidade cultural brasileira.

Reconhecer Águas Lindas como uma terra de axé não significa disputar títulos com Salvador, com a Bahia ou com qualquer outra região do país. Significa reconhecer que o axé também floresceu no Centro-Oeste, formou comunidades, preservou memórias, construiu redes de solidariedade e continua transformando vidas.

Proteger os terreiros não é apenas garantir a liberdade religiosa de uma parcela da população. É preservar patrimônio cultural, combater o racismo, fortalecer a democracia e reconhecer que a história do Brasil também foi escrita ao som dos atabaques, nas folhas sagradas, nos quintais dos terreiros e na resistência de um povo que, apesar de séculos de perseguição, nunca deixou de cultivar o seu axé.

Hoje, pelos dados, pela história e, sobretudo, pela força de seu povo, Águas Lindas pode afirmar com orgulho: é uma terra de Axé. 



VIRIATO Campelo, *médico, professor titular da UFPI, ex-Vice-reitor, escritor, compositor, produtor cultural, pesquisador e acadêmico.*

NEGROS

Mercadores

■ Viriato Campelo

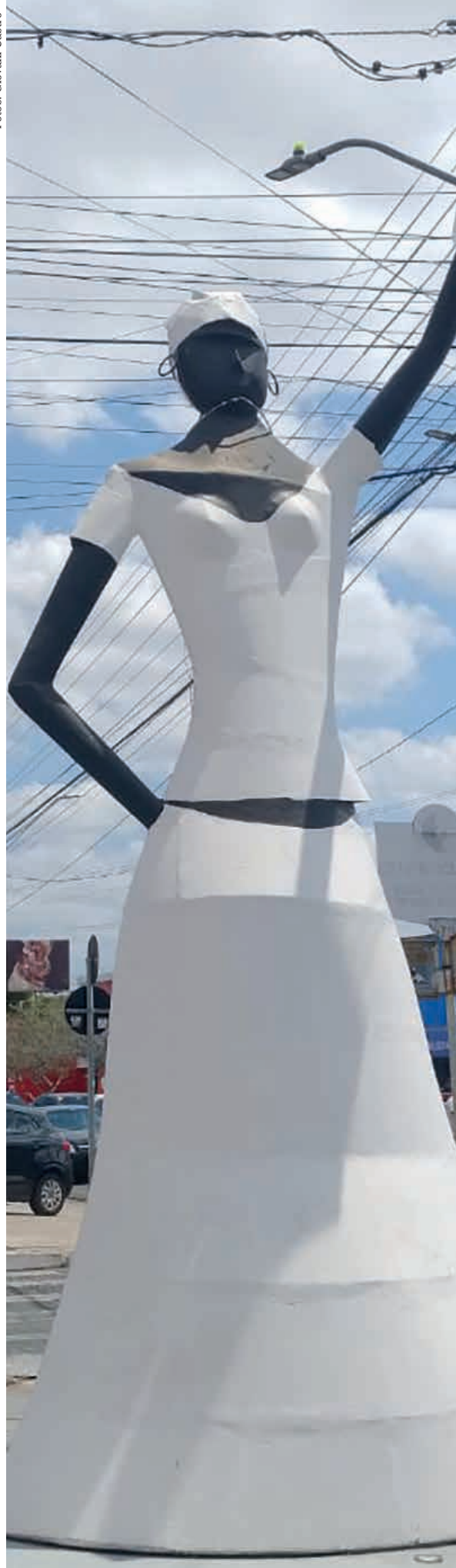
Quem já esteve em Barcelona, Espanha, como eu, percebe logo de início que ali é a cidade de Antoni Gaudí (arquiteto, 1852-1926), catalão, moderno, com diversas obras em cerâmica, vitral, ferro forjado e marcenaria, tendo como obra-prima inacabada a Sagrada Família. Barcelona é um espelho da visão desse importante arquiteto espanhol. Por onde andamos, damos de frente com suas obras.

Outro caso típico é o de Fortaleza, Brasil, uma das primeiras capitais que conheci. Ali predomina a arte de Sérvulo Esmeraldo (1929-2017), brasileiro, escultor, moderno, geométrico, desenhista e ilustrador. Quem passeia por Fortaleza encontra suas obras espalhadas pela cidade.

Quem mora em Teresina, como eu, desde a segunda metade do século XX, depara-se com esculturas em três pontos da cidade: na Avenida Cajuína, perto da Floresta Fóssil; na Avenida Miguel Rosa, em frente ao Espaço Esperança Garcia; e um terceiro



Francisco Ferreira Fialho, formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Piauí, com licenciatura plena em Metodologia e Ensino de Arte, professor de Artes da rede estadual.



conjunto na Avenida Marechal Castelo Branco. São esculturas de até cinco metros, veja as imagens aqui, em homenagem aos negros que ajudaram a construir a cidade de Teresina.

O autor dessas esculturas é Francisco Ferreira Fialho, formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Piauí, com licenciatura plena em Metodologia e Ensino de Arte, professor de Artes da rede estadual.

Concebeu esse trabalho a partir do estudo da construção da cidade de Teresina no século XVIII e do papel da população negra nesse processo, como forma de exprimir, no

espaço urbano, a presença desses anônimos teresinenses que tiveram um importante papel nessa construção.

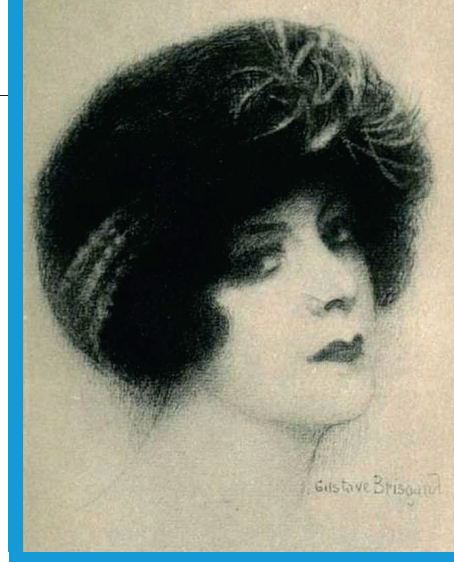
Nos dias atuais, todas as cidades estão povoadas por manifestações artísticas em seu espaço urbano, tanto no centro como nas periferias, que merecem ser cultivadas e observadas por seu potencial artístico, que, às vezes, supera as obras restritas às pinacotecas e galerias.

Também surgem novos artistas ligados ao grafismo, como Jean-Michel Basquiat, ou à pichação, como Kobra. ♥





EDMILSON Sanches - CURSOS - PALESTRAS – CONSULTORIA -
Administração – Biografias - Comunicação - Desenvolvimento - His-
tória – Literatura - Motivação. Entre em contato: edmilsonsanches@
uol.com.br
www.edmilson-sanches.webnode.page



CIDADE

MARAVILHOSA, TÍTULO MARAVILHOSO

“Edmilson Sanches

O substantivo “cidade” e o adjetivo “maravilhosa” parecem que nasceram um para outro. Em Língua Portuguesa, essas duas palavras “nasceram” no século 13, segundo datação de acreditados dicionários, como o “Houaiss”.

Já o título “Cidade Maravilhosa”, com que se identifica a cidade do Rio de Janeiro, tem, em publicações brasileiras e até que se documente assento anterior, registro desde 1904, em um verso que era parte de uma matéria do “O País” (na grafia da época, “O Payz”), jornal matutino que se publicava na capital carioca, à época Distrito Federal, ou seja, capital do Brasil.

O jornal, de muita influência, teve início em 1º de outubro de 1884 e fim de circulação em 18 de novembro de 1934. Mas, referindo-se ao Rio de Janeiro, a expressão “cidade maravilhosa”, segundo Alexei Bueno, escritor e editor carioca, Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro e membro do Conselho Estadual de Tombamento, falecido em 27/06/2026, o autor do primeiro registro (pelo menos até agora) é o militar e escritor italiano Edmundo De Amicis (1846-1908), que documentou a expressão em 1902, em artigo no suplemento “La Lettura”, do jornal “Corriere della Sera”, de Milão.

Em italiano, “*città meravigliosa*” é expressão comum, por óbvio, e integra títulos de livros como “*Torino. Una città meravigliosa*”, de P. Abrate, M. Centini e outros autores, obra publicada pela editora Ligurpress em dezembro de 2008. Mas antes, bem antes, em viagem que fez a Constantinopla (atual Istambul, Turquia), o escritor italiano Giovanni Battista Casti (1724-1803), também conhecido por Giambattista Casti, admirado com as belezas da cidade dos quatro impérios (romano, bizantino, latino, otomano), adjetivou a cidade de Constantino de “*città meravigliosa*” (“cidade maravilhosa”). Está em seu livro “*Relazione di un viaggio a Costantinopoli*”.

Edmondo de Amicis também esteve (muito depois de Casti) em Constantinopla, quando capital otomana, e em seu livro “*Costantinopoli*”, de 1877, igualmente a chamou de “*la città meravigliosa e inaspettata*” (“a cidade maravilhosa e inesperada”). Diga-se, sobre esse livro, que seu título original em italiano é “*Costantinopoli, Milano, Treves*”. Na tradução para o português (de Portugal), o título foi reduzido para “*Constantinopla*”, obra publicada pela editora Tinta da China, de Lisboa, em 2017.

Em 1905, a escritora italiana Grazia Deledda, laureada com o Prêmio Nobel, escreveu sobre a capital de seu país: “[...] *Roma, la capitale, la città meravigliosa, senza nebbie, piena di sole e di fiori*” (“Roma, a capital, a cidade maravilhosa, sem neblina, cheia de sol e flores”). Está em “*Nostalgie*”, um dos romances que ela escreveu e publicou (editora Nuova Antologia, 1905).

Em 1950, foi a vez de outro italiano, B. Bernini, publicar sua obra “*Una città meravigliosa*”, pela editora Edizioni Gioventù Nuova, de Roma. Provavelmente o título se refira à cidade de Bolonha (Bologna), pelo que arrisco a presumir do título da obra em que Bernini foi referenciado: “*Pionieri a Bologna*” (Pioneiros em Bolonha), publicado em 2015 pela editora Hit Studio.

A artista plástica contemporânea Emmanuelle Levesque pinta Paris e uma de suas obras se chama “*Une ville merveilleuse*” (“Uma cidade maravilhosa”).

Pois é... Como (en)cantou Gal Costa: “*Tudo é divino, tudo é maravilhoso...*”

Em 1913, a escritora francesa Jane Catulle Mendès publica “*La Ville Merveilleuse*”, com uma espécie de subtítulo: “Rio de Janeiro”. É a obra a quem se credita majoritariamente a autoria do epíteto “Cidade Maravilhosa” para a cidade, município e capital Rio de Janeiro. Mas, como o comprovam diversos registros, a francesa não criou o adjetivo substantivo e adjetivo “*ville merveilleuse*” / “cidade maravilhosa”.

Em 1920, o escritor chileno Francisco Contreras

Imagens
e os livros
epíteto
Maravilhosa
escritora
Jane C
Mendès e
Coelho

Valenzuela (1877-1933) lança em Paris obra cujo título não tem a ver com Rio de Janeiro, publicado sete anos antes: *“La Ville Merveilleuse”*, com o subtítulo *“Roman de la Vie Hispano-Américaine”* (“romance da vida hispano-americana”). A editora francesa Hachette publicou em 2018 a terceira edição dessa obra, em francês, como parte de uma *“política de preservação do patrimônio literário francês implementada em parceria com a Biblioteca Nacional da França (BNF)”*.

Mas foi a partir do escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), nascido em Caxias, que se iniciou a popularização do epíteto “Cidade Maravilhosa” para o município do Rio de Janeiro, hoje capital do estado de mesmo nome. Ele escreveu um livro com o título *“A Cidade Maravilhosa”*. O poeta pernambucano Olegário Mariano anos antes do maranhense escrevera *“Cidade Maravilhosa”*, livro de poemas. (Tenho exemplar de ambos os livros).

Coelho Netto exercia, digamos assim, uma certa influência no Rio de Janeiro e até no Brasil todo, pela força de sua literatura. Por ser à época o mais lido escritor do País, superior mesmo a Machado de Assis...

...Por ser indicado ao Prêmio Nobel.

Pelo fato de ser deputado federal de voz ouvida e respeitada.

...Por ser grande e apaixonado desportista e ter defendido o futebol brasileiro, chegando a entrar em brigas --- literárias... --- com escritores que eram contra o esporte.

...Por ser o introdutor do cinema seriado no Brasil, que deu origem às novelas e às séries de TV nacionais.

...Por ser defensor da capoeira e ser ele próprio um grande praticante de capoeira, o que foi decisivo para que a Polícia deixasse de desfazer rodas de capoeiras e deixasse de perseguir capoeiristas, passando a capoeira, por real influência de Coelho Netto, a ser admitida e praticada sem receio em todo o Brasil.

...Por não ter medo de se posicionar até mesmo em momentos polêmicos, às vezes sozinho, como no caso da revolta ou levante dos 18 do Forte (de Copacabana), como ficou conhecido o movimento de militares do Exército Brasileiro que se manifestaram contra Epitácio Pessoa, presidente do Brasil à época. Esse movimento deu-se na primeira semana de julho de 1922. Coelho Netto escreveu artigo para a edição do *“Jornal do Brasil”* do dia 9 de julho de 1922. Foi censurado. Mas nem por isso Coelho Netto deixou de se manifestar. No texto censurado (*“Arrancada radiante”*), exalta Coelho Netto: *“Que povo não se orgulharia de possuir na raça tais leões?”*

Cite-se, por oportuno, que, comprovadamente, é de Coelho Netto a expressão “Cidade Verde”, com que a capital do Piauí, Teresina, é conhecida e de cujo epíteto se regozija. Dessa expressão coelho-nettiana derivam o nome de vários empreendimentos públicos e privados no território teresinense.

Também se atribui a Coelho Netto (eu ainda não comprovei essa atribuição) o título de “Veneza Brasileira” à cidade de Recife, onde as ilhas, as pontes e o encontro dos rios Beberibe e Capibaribe trazem à capital pernambucana alguma semelhança com a fluvial

Veneza italiana e suas ilhas, suas pontes e seus rios Piave e Po, este o maior rio da Itália.

Não há dúvida no fato de que, se não foi o autor do epíteto “Cidade Maravilhosa”, o caxiense nascido na antiga Rua da Palma (que depois recebeu seu nome) foi o responsável principal por sua divulgação. O livro ao qual se atribui, indevidamente, a origem do título, *“La Ville Merveilleuse”* (“A Cidade Maravilhosa”), de 1913, de autoria da francesa Jane Catulle Mendès, até este agosto de 2026 não foi traduzido para o português, embora a língua francesa fosse uma espécie de segundo idioma para os membros da elite carioca daquelas décadas iniciais do século 20.

Entretanto, se a escritora francesa não foi a primeira a usar a expressão “Cidade Maravilhosa” em relação ao Rio de Janeiro, ela foi a primeira a utilizar a expressão (em francês) como título de livro (veja-se cronologia mais abaixo).

Repetindo: as pesquisas mostram que, até provas em contrário, a expressão “Cidade Maravilhosa” foi criada ou primeiramente usada, por publicação brasileira, pelo jornal diário *“O País”*, do Rio de Janeiro. Em uma edição no período de Carnaval de 1904 (dois anos após o texto do italiano De Amicis), uma reportagem trazia texto em versos septassilábicos onde, em um deles, lia-se:

*“Terra sempre em polvorosa
Bem igual no mundo inteiro
Cidade maravilhosa
Salve o Rio de Janeiro”.*

Esses versos eram parte de uma reportagem sobre os protestos contra as carrocinhas que pegavam os cachorros.

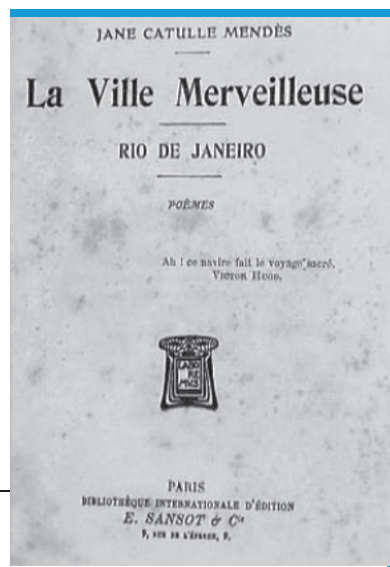
Numa rápida cronologia, é mais ou menos assim o percurso da expressão “Cidade Maravilhosa”, relacionada à antiga capital do Brasil:

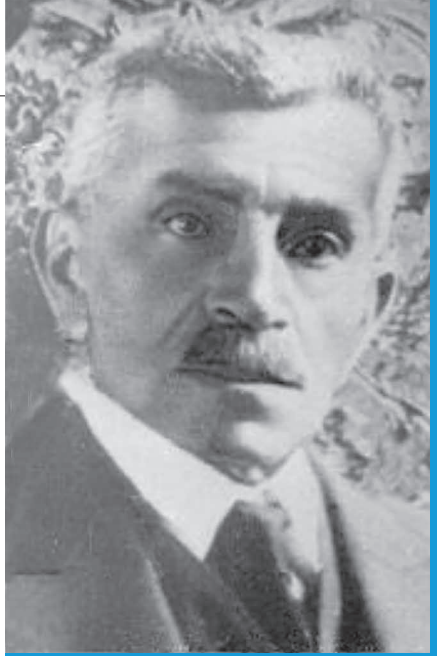
----- 1902 – Neste ano, o militar e escritor italiano Edmundo De Amicis (1846-1908) registra a expressão “cidade maravilhosa” em artigo no *“La Lettura”*, suplemento do jornal *“Corriere della Sera”*, de Milão;

----- 1904, 16 de fevereiro, terça-feira de Carnaval – O jornal *“O País”* escreve: *“Terra sempre em polvorosa / Bem igual no mundo inteiro / Cidade maravilhosa / Salve o Rio de Janeiro”;*

----- 1904, 04 de maio – O jornal *“O País”* escreve matéria, de título “No Palácio Monroe”: *“Está ainda na*

...
*
- Autores
os com o
“Cidade
hosa”: a
francesa
Catulle
o caxiense
Netto.





lembrança de todos os habitantes desta cidade maravilhosa [...]”;

----- 1907, 22 de maio – Nesta data o jornal “A Notícia” (1894-1916), do Rio de Janeiro, traz reportagem onde consta a expressão “[...] os habitantes desta cidade maravilhosa [...]”;

----- 1908, 29/30 de outubro – Jornal “A Notícia” publica a crônica “Os Sertanejos”, do escritor maranhense (residente no Rio) Coelho Netto. No contexto da Exposição Nacional, ele escreve a expressão “Cidade Maravilhosa”. De um modo geral, a Imprensa daquela época utilizava os termos “cidade maravilhosa” ou “cidade maravilha”. O nome oficial do evento era “Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil”. Ocorreu de 11 de agosto a 15 de novembro de 1908, no palácio da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, bairro da Urca, Rio de Janeiro;

----- 1909, 06/07 de julho – Nesta data o jornal “A Notícia”, do Rio de Janeiro, em trecho da matéria “Dez Anos Atrás”, está: “[...] habitando uma nova cidade maravilhosa e salubre [...]”. A expressão “cidade maravilhosa” aparece também no mesmo jornal, em edições tanto de 1909 quanto de 1910;

----- 1911, 20 de setembro a 6 de dezembro – Jane Catulle Mendès (1867-1955), escritora francesa, visita o Rio de Janeiro (capital);

----- 1911, 21 de setembro – Edição desta data do jornal “A Imprensa” traz entrevista com Jane Catulle Mendès, onde ela diz sobre o Rio de Janeiro, em francês: “*est une ville merveilleuse*” (“é uma cidade maravilhosa”). Jane estava no Brasil a convite, para fazer três palestras: “O heroísmo da mulher francesa”, “A parisiense” e “As mulheres de letras francesas”;

----- 1913, 20 de março – Nesta data o jornal “A Notícia”, do Rio de Janeiro, publica um artigo sobre as belezas da capital fluminense com o título inteiramente em maiúsculas: “A CIDADE MARAVILHOSA”. No texto, replica-se: “*Cidade Maravilhosa! É a exclamação de todos que nos visitam.*” E, em final de parágrafo, com a ortografia de 1913: “[...] ilhas encantadoras de sua refulgente bahia e o mar se encher de elegantes yachts, como hoje as avenidas se enchem de automoveis, então ella poderá desafiar as que mais bellas o forem. Ella já é a cidade maravilhosa.”;

----- 1913 – Jane Catulle Mendès (nome de solteira: Jeane Mette) publica na França, pela editora E. Sansot & Cie., seu livro “*La Ville Merveilleuse* – Rio de Janeiro” (214 páginas), uma coletânea com 33 poemas sobre a capital fluminense;

----- 1922 – É publicada, pela editora carioca Pimenta de Mello, a primeira edição da obra “*Cidade Maravilhosa*”, livro de poemas de Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889-1958), escritor e diplomata nascido em Recife (PE), primo do poeta Manuel Bandeira. A segunda edição, aumentada, sai em 1930, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo;

----- 1928 – O escritor caxiense Coelho Netto publica o livro de contos “*A Cidade Maravilhosa*”, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo;

----- 1930 – Realizada a exposição “Cidade Maravilhosa”, com pinturas de paisagens do Rio de Janeiro, de Manuel Faria Guimaráes (1895-1980), pintor e desenhista nascido na capital carioca;

----- 1933, 1º de setembro – Série de textos intitulada “Crônicas da Cidade Ma-ra-vi-lho-sa” passa a ser lida em programa do locutor César Rocha Brito Ladeira (1910-1969), na Rádio Mayrink Veiga. César Ladeira nasceu em Campinas (SP) mas atuava no Rio de Janeiro. Os textos das “Crônicas da Cidade Maravilhosa” (nome anterior: “Crônicas da Cidade Gozada”, que foi mudado), “eram escritos por seu amigo Genolino Amado (1902-1989), escritor, jornalista e professor sergipano, que em 1973 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Os textos foram publicados em coluna da revista “O Malho” (1902-1954), do Rio de Janeiro;

----- 1934 – Antônio André de Sá Filho compõe a marchinha “*Cidade Maravilhosa*”. A música, a partir da década de 1960, foi oficializada como hino do Estado da Guanabara e tornada hino oficial do município do Rio de Janeiro em agosto de 2003, por lei da Câmara Municipal. André Filho era ator e músico (violinista, bandolinista, banjoista, violonista, pianista, compositor e cantor). O arranjo da música de André Filho foi feito por Silva Sobreira para o carnaval de 1935. Ainda em 1934 a cantora e atriz Aurora Miranda (1915-2005), irmã de Carmen Miranda, grava pela Odeon a música “*Cidade Maravilhosa*”, com participação do autor da música, André Filho. A marchinha tornou-se grande sucesso até os dias atuais, com um estribilho que quase todo brasileiro conhece:

*“Cidade Maravilhosa
Cheia de encantos mil...
Cidade maravilhosa,
Coração do meu Brasil!”*

Da década de 1950 até 2008, a música “Cidade Maravilhosa” foi cantada, interpretada e gravada pelo menos 50 vezes por cantores e cantoras, maestros e orquestras, conjuntos e bandas, coros e corais, solistas (pianistas, saxofonistas...), brasileiros e internacionais, entre os quais Guerra Peixe, Radamés Gnanattali, Maria Bethânia, As Melindrosas, Ray Coniff, Bily Eckstine, Martinho da Vila, Beth Carvalho, Tião Macalé, Leo Gandelman, Daniela Mercury, Caetano Veloso, Detonautas...;

----- 1935, 6 de janeiro – Estreia no Teatro Recreio, com Aracy Côrtes, o espetáculo teatral musical “*Cidade Maravilhosa*”, inspirado nas “Crônicas da Cidade

Maravilhosa”, escrito por César Ladeira e o compositor, caricaturista e desenhista carioca Antônio Gabriel Nássara (1910-1996). Aracy Côrtes era o nome artístico da cantora carioca Zilda de Carvalho Espínola (1904-1985);

----- 1935 – Lançado o filme “*Alô, Alô, Brasil*”, com participação de Aurora Miranda, cantando “Cidade Maravilhosa”;

----- 1954 – Lançado o “*Rio - Cidade Maravilhosa*”, álbum musical de estúdio, da gravadora Continental, com participação de cantores e cantoras como Maysa, Luely Figueiró, Nelly Martins, Jamelão, Os Cariocas, Ted Moreno, Albertinho Fortuna, Risadinha, Coral de Severino Filho. Foi relançado em 1960;

----- 1960 – A marchinha “Cidade Maravilhosa”, de André Filho, é adotada como hino oficial do antigo Estado da Guanabara (veja no ano 1934, acima). O Estado da Guanabara existiu de 1960 a 1975 e seu território era o mesmo do atual município do Rio de Janeiro, que era a capital do estado guanabarinio;

----- 1966 – Decreto do Governo do Estado do Rio de Janeiro dá o nome “Catulle Mendès” a uma praça no bairro de Campo Grande, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro;

----- 1987 – Realizado o filme “*Alice na Cidade Maravilhosa*”, de Alvarina de Souza Silva, nascida em Ceres (GO), em 18 de outubro de 1955;

----- 1996, 27 de janeiro a 8 de março – Realizada a “Taça Cidade Maravilhosa”, competição de futebol entre times do município do Rio de Janeiro;

----- 1998 – Realizado o “I Open Cidade Maravilhosa”, torneio de tênis no Rio de Janeiro;

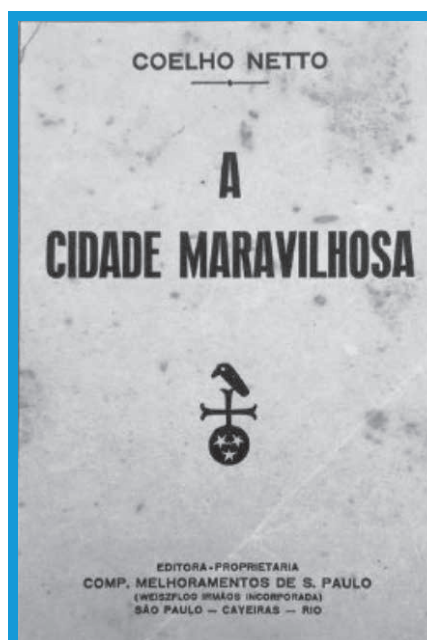
----- 1999, 22 de outubro – Data da Lei 2.904, da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, denominando como Rua André Filho, compositor da música “Cidade Maravilhosa”, a antiga Rua Rachel Carson, e, ainda, denominando “Largo da Cidade Maravilhosa” ao “logradouro situado na confluência da Avenida Brás de Pina, Estrada da Água Grande e Rua Itaperá”, no atual bairro Vista Alegre, Zona Leopoldina, norte do Rio;

----- 2003, 12 de agosto – A Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pela Lei nº 3611, oficializa a música “Cidade Maravilhosa” como hino oficial do município do Rio de Janeiro;

----- 2012 – Realizado torneio de tênis “Taça Cidade Maravilhosa Internacional”;

----- 2012, 13 a 18 de novembro – Realizado o torneio de futebol de praia “Taça Internacional Cidade Maravilhosa de Beach Soccer”, competição também conhecida como “Taça Intercontinental Cidade Maravilhosa de Beach Soccer”, “Torneio Internacional Cidade Maravilhosa de Beach Soccer” ou ainda “Torneio Intercontinental Cidade Maravilhosa de Beach Soccer”; e

----- 2016, 30 de julho – Lançado na França o filme “*Rio de Janeiro, Ville Merveilleuse*” (*Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa*), de Pascal Cuisson. 





EDMILSON SANCHES

CURSOS • PALESTRAS • CONSULTORIA • ASSESSORIA

Conteúdos que informam, emocionam, inspiram. Você não vai esquecer.

ADMINISTRAÇÃO (Pública e Empresarial) • Biografias • Comunicação
Desenvolvimento • História - Literatura - Motivação

CONTATOS:

Celular/WhatsApp: (21) 96687-3195 Instagram: [edmlsionsanches.sanches](https://www.instagram.com/edmlsionsanches.sanches)

Facebook: www.facebook.com/edmlsion.sanches.9

E-mail: edmlsionsanches@uol.com.br Site: www.edmlsion-sanches.webnode.page

- CONHECIMENTO
- SERIEDADE
- EXPERIÊNCIA






elise Feitosa, escritora, contadora de história e apresentadora infantojuvenil (14 anos) e estudante das Altas Habilidades da rede pública do Distrito Federal. Elisefefê, também conhecida em suas redes sociais @elisefefe, faz incentivo à leitura às crianças por meio visitas escolares ou outros eventos por acreditar que uma criança contagia outra.

Por isso, leva consigo o seu lema: “Toda pessoa merece um livro e todo livro merece um leitor”.

ELISE FEITOSA, DE BRASÍLIA PARA O MUNDO.

Elise Ferreira Feitosa é brasileira, nasceu em 22 de outubro de 2011. Foi uma criança muito curiosa, espontânea, criativa e sempre gostou muito de imaginar. Desde pequena, amava escutar e criar histórias, inclusive pela leitura de imagens.

Já na idade escolar, rapidamente passou a dedicar-se à leitura volumosa de livros infantis, principalmente as obras de Maurício de Sousa. A partir do 2º ano do Ensino Fundamental, em 2019, manifestou com maior arrimo o interesse em ser escritora. Ela produziu muitos textos com ilustrações e colecionava-os em uma caixinha. Neste mesmo ano, visitou a 35ª Feira do Livro do Distrito Federal (FELIB) e teve a certeza de seu sonho ao conhecer a exposição literária e vários escritores do Distrito Federal.

Após essa experiência, ingressou para o atendimento das Altas Habilidades, Sala de Recursos da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mesmo na pandemia, lançou seu primeiro livro *#VIRALIZEI*, em 30 de junho de 2021, pelo canal do Youtube da Coordenadoria Regional de Ensino do Gama (Distrito Federal). Em seguida, em outubro desse mesmo ano, publicou o texto "Borboleta Branca", pela Coletânea do GAEB (Grupo Associados dos Escritores Brasileiros).

Depois, participou também do 35º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas, organizado pela Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências - "A Palavra do Século 21" (ALPAS-21), e ficou em terceiro lugar na categoria Conto Infantil, com o texto "A Galinha e a Mucura". Esse prêmio e sua biografia conferiram a ela o convite para ser acadêmica correspondente da Academia Internacional ALPAS-21 como estudante das Altas Habilidades, inaugurando a cadeira 01.

Conquistou dois títulos acadêmicos: membro benemérito da Academia Inclusiva de Autores Brasileiros (AIAB) e membro do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal (SINDESCRITORES).

Em 2022, integrou a 36ª Feira do Livro de Brasília (FELIB) e a 5ª edição da Bial Internacional do Livro de Brasília (BILB) e ainda participou do Encontro Regional da Letras: Mulheres escritoras do Centro-Oeste, no Espaço Vitrine (exposição) e Sarau Literário.

Em 2023, participou da 37ª FELIB. Ademais, em dupla com Geralda Maria de Lima, pessoa com deficiência visual, conquistou o primeiro lugar no concurso do PIEI (Prêmio Internacional do Espírito Inclusivo) organizado pela Academia Inclusiva dos Autores Brasileiros.

Em 2024, publicou o livro *Menino Brasília* como coautora pela Editora Borboletando na Biblioteca Nacional de Brasília. Também ingressou na Academia Gamense de Letras como convidada especial e recebeu um certificado de menção honrosa pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, na ocasião dos 45 anos do SINDESCRITORES, o Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Já participou de vários eventos e entrevistas de emissoras locais e sempre leva consigo o seu lema: "Toda pessoa merece um livro e todo livro merece um leitor".

Em 2025, foi uma das apresentadoras do Prêmio Candanguinho de Poesia Infantojuvenil, no Distrito Federal e participou, com o texto "O guardião de memória", da Antologia de Contos Tempus Fugit (1ª. edição, Porto Alegre - RS), organizada por Edvandro Castro e publicada pela Mandrágora Editora em 2025.

Neste ano, marcou presença na 6ª edição da Bial Internacional do Livro de Brasília (BILB 2026). Segundo ela, "aqui eu encontro meu mundo, respiro livros, encontro e reencontro escritores de vários lugares. É um espaço que me proporciona troca de experiências, contato direto com o meu leitor e faço a divulgação de meu trabalho, além de ficar um gostinho de quero mais." **V**



Elise Feitosa,
com o escritor
Osmar Monte.



Elise Feitosa,
com o jornalista
Marcos
Linhares. Um
dos curadores
da Bial
Internacional de
Brasília/2026.



O *#VIRALIZEI* é a história em que o coronavírus é o personagem principal, que faz um desabafo emocionado por fazer os humanos sofrerem. Elise conta: "Esse livro nasceu de uma experiência dolorosa no período da pandemia, após perder minha vovó paterna. A escrita foi para mim uma forma de superação e de conscientizar as pessoas que precisamos aprender a conviver com a covid-19".



CHARGE - Joaquim Monteiro